

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE E EDUCAÇÃO NA INFÂNCIA E
ADOLESCÊNCIA**

JOÃO GABRIEL TRAJANO DANTAS

A voz dos olhares que percorrem a periferia: O território sob as lentes do adolescente



Guarulhos

2019

JOÃO GABRIEL TRAJANO DANTAS

A voz dos olhares que percorrem a periferia: O território sob as lentes do adolescente

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Saúde na Infância e Adolescência da Universidade Federal de São Paulo Campus Guarulhos, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação e Saúde na Infância e Adolescência.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Denise De Micheli
Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Rosângela Niguini

Guarulhos

2019

Dantas, João Gabriel Trajano..

A voz dos olhares que percorrem a periferia: O território sob as lentes do adolescente / João Gabriel Trajano Dantas. – Guarulhos - 2019.
107 f.

Dissertação (Mestrado em Educação e Saúde na Infância e Adolescência) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Humanas, 2019.

Orientadora: Denise De Micheli

Co orientadora: Rosângela Niguini

Título em outro idioma: The voice of the gaze that travels the periphery:
The territory under the lens of the teenager

1. Adolescente. 2. Periferia. 3. Favela. 4. Fotografia. I. Micheli, Denise De.

JOÃO GABRIEL TRAJANO DANTAS

A voz dos olhares que percorrem a periferia: O território sob as lentes do adolescente

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Saúde na Infância e Adolescência da Universidade Federal de São Paulo Campus Guarulhos, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação e Saúde na Infância e Adolescência.

Aprovado em: 11 de Setembro de 2019

Prof^a. Dr^a Sueli Salles Fidalgo – CPF 688.613.897.91

Universidade Federal de São Paulo - Unifesp

Prof^a. Dr^a Erika Alvarez Inforsato – CPF 273.384.338.95

Universidade de São Paulo - USP

Guarulhos

2019

AGRADECIMENTOS

A tessitura de uma dissertação é intensa, tensa e densa, passei por diferentes momentos, mas independente disso, não fui único nesse processo, pelo contrário, precisei da ajuda e colaboração de muitas mãos que auxiliaram a feitura desse mestrado, seja numa palavra amiga, numa conversa de bar para alinhar objetivos, nas discussões sobre a metodologia ou até mesmo nos encontros inesperados que reverberam.

Este espaço é para praticar o agradecimento. Primeiramente, agradeço à essa energia que nos envolve, que nos direciona de maneira sutil, nos colocando em caminhos que precisamos trilhar. Obrigado.

Agradeço à minha família. Aos meus pais Paula e João, que sempre acreditaram na potência de vida da educação, no processo de transformação que ela tem. Às minhas irmãs Rayssa e Ana Letícia, aprendo muito com vocês tenho muito orgulho das mulheres que se tornaram! Ao meu sobrinho afilhado Pedro, que me mostrou a beleza da descoberta pura, que a educação seja seu direcionamento! Obrigado Família!

Agradeço aos amigos e amigas que me ajudaram, seja produzindo alegria ou acolhendo angústias e frustrações. Obrigado Diego Almeida e Thiago Pelagio pelos abraços, risadas e conversas de bar (e balada), pela casa que dividimos, pela alegria revolucionária. São irmãos que a vida me presenteou, quero ter sempre a graça de estar perto de vocês. Obrigado Carolesca, minha dupla dinâmica, amiga que o mestrado me deu, que não largou minha mão, me lembrou dos prazos, escrevemos artigos, compartilhamos disciplinas, o que seria de mim sem você? Agradeço aos amigos de CUNETO que me fazem acreditar que coletivos e amigos podem sim durar e resistir ao tempo, aprendi e aprendo muito com cada um de vocês, o que o Movimento Estudantil uniu, fascismo algum separa! Por isso obrigado Jéssica, Brenda, Manú, Bruno, Gustavo, Kelly, Flaviano, Carlos, Emerson e Marina.

O que seria de mim sem o amor? Sem essa energia que sempre procuro e sempre me guia? Obrigado Francis Wilker de Carvalho, meu esposo, amigo, amante, girassol com quem quero construir uma casa, plantar temperos e criar uma família! Obrigado por complementar meus dias, por me fazer insistir e não desistir, obrigado pelos respiros, risadas, ventos e viagens, toques e arrepios, pela água salgada do mar, pela areia que massageia os pés. Que possamos caminhar juntos nessa admiração mútua! Como pode? Que bom que pode! Obrigado amor!

Obrigado Denise De Micheli, minha orientadora, pela energia emprestada, pela paciência e por estar sempre por perto. Obrigado Dê!

À CAPES, pela bolsa concedida, por investir na pesquisa desse país cujos caminhos democráticos precisam ser cada vez mais iluminados.

Aos meus amigos de vida e profissão, Terapeutas Ocupacionais que admiro, que sempre me instigam e me fazem ser um profissional melhor. Obrigado Thaline, Denis, Débora, Camila, Cristhian e Adriane. Sigamos juntos, no bar, no trabalho, nas discussões, na vida! Obrigado.

Agradeço principalmente aos jovens, coautores deste trabalho, que emprestaram seu tempo e seu olhar, sem vocês nada disso seria possível. Obrigado pelas fotografias incríveis que tiraram, pelas conversas e andanças no território. Que a energia da juventude contamine tudo! Revolucione tudo! O mundo é de vocês! Obrigado.

*“A expressão reta não sonha.
Não use o traço acostumado.
A força de um artista vem das suas derrotas.
Só a alma atormentada pode trazer para a voz um formato de pássaro.
Arte não tem pensa:
O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.
É preciso transver o mundo.”*

Manoel de Barros

RESUMO

A periferia de São Paulo é marcada por situações de desigualdade social, violência e pobreza. É um território fértil e repleto de vulnerabilidades e potencialidades, aspectos que somente seus moradores conseguem identificar. A adolescência é marcada pela busca de novas experiências, de prazer e sensações de pertencimento a um grupo social, são atores ideais para fotografar as potencialidades e fragilidades do território em que vivem no qual estruturam seu cotidiano. Desta forma, este estudo qualitativo exploratório, que utilizou a fotografia como recurso metodológico, buscou investigar a percepção que os adolescentes residentes em uma favela têm sobre o território em que vivem. Sendo assim, câmeras fotográficas foram distribuídas aos participantes, que por sua vez, fotografaram dimensões relacionadas ao lazer, convívio, esporte e entretenimento encontrados no espaço, assim como registraram aspectos que necessitam de maior atenção do governo, como é o caso do lixo e entulhos colocados nas calçadas, nascentes poluídas e por fim, valorizaram a organização comunitária na manutenção e revitalização de praças e do campo de futebol, mostrando que a juventude mostra-se atenta à questões complexas do território em que habitam.

Palavras-chave: Adolescente; Juventude; Periferia; Favela; Fotografia.

ABSTRACT

The outskirts of São Paulo is marked by situations of social inequality, violence and poverty. It is a fertile territory full of vulnerabilities and potentialities, aspects that only their residents can identify them. Adolescence is marked by the search for new experiences of pleasure and feelings of belonging to a social group are actors ideal for photographing the potentialities and weaknesses of the territory in which they live and structure your daily life. Thus, this exploratory qualitative study, which used the photography as a methodological resource, sought to investigate the perception that adolescents residents in a slum have over the territory in which they live. So cameras were distributed to the participants, who in turn photographed dimensions related to leisure, socializing, sports and entertainment found in space, as well as recorded aspects that need more government attention, such as garbage and rubble placed on sidewalks, polluted springs and finally, valued the organization maintenance and revitalization of squares and the soccer field, showing that the Their youth are attentive to the complex issues of the territory in which they live.

Keywords: Adolescent; Youth; Periphery; Favela; Photography

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
FOTOGRAFIA E LINGUAGEM.....	15
UM BREVE SOBREVOO NA HISTÓRIA DA FOTOGRAFIA	17
COMPONENTES DO REGISTRO: O GESTO QUE MANIPULA O APARELHO PARA FOTOGRAFAR	
IMAGENS.....	19
<i>Imagens e Imagens técnicas</i>	19
<i>Aparelho – A câmera fotográfica</i>	20
<i>Gesto de fotografar</i>	21
UMA IMAGEM REVELA MAIS QUE MIL PALAVRAS	22
FOTOGRAFIA E A PRODUÇÃO DE ENUNCIADOS VISUAIS	24
METODOLOGIA.....	27
JOVENS FOTÓGRAFOS: SUJEITOS DA PESQUISA.....	27
RESULTADOS	30
ARTIGO 1	31
A VOZ DOS OLHARES QUE PERCORREM A PERIFERIA: O TERRITÓRIO SOB AS LENTES DO	
ADOLESCENTE	31
ARTIGO 2: JUVENTUDES EM FOCO: FOTOGRAFIA ENQUANTO RECURSO METODOLÓGICO, UMA	
REVISÃO INTEGRATIVA	52
DISCUSSÃO	68
OS DISCURSOS DOS RETRATOS: ANÁLISE DAS NARRATIVAS VISUAIS DOS	
JOVENS FOTÓGRAFOS	68
<i>Retrato de Marielle Franco</i>	68
<i>Retrato de Fernão Mendes Pinto</i>	72
<i>Retrato de Abaita</i>	75
<i>Retratos de Caiçara do Rio do Vento</i>	79
<i>Retratos de Ajuana</i>	85
<i>Retrato Vuarana</i>	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
REFERÊNCIAS	95

ANEXO I.....98
ANEXO II..... 100
ANEXO III..... 102
ANEXO IV 104

INTRODUÇÃO

O conceito de cidade foi sendo moldado ao longo da história da humanidade e, desde a *polis* grega, adquiriu novos formatos que reagiam aos momentos históricos e localização espacial em que se encontravam, como por exemplo: a cidade oriental estava diretamente ligada ao modo de produção asiático, a cidade arcaica (grega ou romana) era associada à posse de escravos e a cidade medieval imersa em relações feudais (LEFEBVRE, H., 2008). Ou seja, sua heterogeneidade é produto das influências de diferentes sistemas econômicos, da variedade de modos de vida de seus habitantes, da forma em que a produção e distribuição de bens ocorrem etc. Em resumo, cada cidade é atravessada por diferentes fatores que resulta em sua própria organização urbana.

Logo, torna-se difícil resumi-las (restringi-las) num conceito geral. Dentro das cidades coexistem diferentes forças e instituições que disputam a utilização de seus espaços, que desejam habitá-la. A fricção dessas forças resulta num desenvolvimento assimétrico, cuja concentração de riquezas dos grandes centros urbanos contrasta com a pobreza marginalizada nas periferias.

Historicamente a periferia, espaço marginalizado e constituído em relação a um centro, é colocada como obstáculo ao desenvolvimento e modernização da metrópole. Essa oposição periferia VS modernização, expressa um caráter social, sendo constantemente reduzida e limitada à ideia de uma importante condição de pobreza (ANDRADE, 2010).

A pobreza urbana é uma categoria econômica e política que, para além de ser mensurada e medida é um fator que precisa ser compreendido enquanto fenômeno que acompanha a expansão e urbanização da sociedade (SANTOS, 2013). Essa desigualdade, produto da crise urbana, é um dos maiores problemas sociais contemporâneos que se encontra presente em todos os países em diferentes variações. As situações de pobreza e vulnerabilidades vivenciadas por grande parte da população mundial, em especial pelos moradores das favelas nas periferias de grandes centros urbanos, são desafios complexos que precisam ser analisados e superados conforme a realidade de cada território e de cada tempo.

Desta forma, faz-se necessário um olhar atento para a potência que emerge nesses espaços, para o que lhe é efervescente, descobrindo elementos que possam enriquecer as possibilidades de enfrentar os problemas sociais identificados pela própria comunidade. É dentro deste contexto que cabe questionar e refletir o modo em que os campos da saúde e educação vêm percebendo e trabalhando com as populações mais pobres das periferias do país, em especial os adolescentes.

Contudo, assim como as cidades, as periferias não são espaços homogêneos, pelo contrário, em seu interior percebe-se que bairros economicamente desenvolvidos estão localizados ao lado de aglomerados de casas construídas de modo precário e sem planejamento urbano – as favelas.

As favelas, cuja maioria está localizada nas periferias dos centros urbanos, reagem à assimetria da distribuição e concentração de bens, renda e trabalho dispersos pela cidade. São marcadas pela disputa do espaço urbano, fato que explicaria a criação de uma cidade legal e habitável em oposição à cidade ilegal - onde a construção de moradia não é permitida. O abismo social que separa ricos dos pobres é a força motriz de um desenvolvimento desigual da metrópole (CARRIL, 2006). A expansão da cidade legal é estimulada enquanto que o crescimento da cidade ilegal é cerceado e combatido.

Para muitos, a favela é vista como lugar de violência e pobreza, para outros, lugar de moradia e circulação. Cabe primeiro retomar sua origem para compreender as complexidades que atravessam este espaço que ora é vulnerável e cheio de riscos, ora potente e cheio de vida.

Na historiografia das favelas, algumas referências localizam seu surgimento na cidade do Rio de Janeiro (ZALUAR, AVITOS, 2006; VALLADARES, 2005). Cabe ressaltar que o RJ, localizado no litoral da região sudeste, era a capital do país, foco do olhar europeu, do turismo nacional e internacional, ou seja, o surgimento das favelas emerge enquanto fenômeno social e urbano na cidade maravilhosa.

Por volta de 1930 os cortiços dos grandes centros urbanos, embriões das favelas que conhecemos hoje, eram socialmente reconhecidos como moradia dos pobres, vagabundos e malandros e lugar da propagação de doenças e vícios. Esses espaços tornaram-se inimigos do Estado, pois evidenciavam a pobreza e desigualdade urbana na capital do Brasil. Tais denúncias não passaram despercebidas por diferentes agentes públicos: sanitaristas ‘preocupados’ com a saúde pública; policiais e delegados com a segurança e do Estado com a administração municipal. A mídia ampliou os aspectos negativos dos cortiços, gerando maior incômodo social para as problemáticas que aqueles espaços traziam consigo. Esse conjunto de fatores tornaram os cortiços espaços abjetos na cidade, bodes expiatórios do urbano, resultando na ação coerciva do Estado para sua destruição e na desapropriação de seus moradores que buscaram lugar de moradia nas encostas dos morros. O surgimento de casas construídas de modo precário nas encostas dos morros foi associado à remoção dos cortiços, pois apresentavam estruturas semelhantes (ZALUAR, AVITOS, 2006; VALLADARES, 2005).

Nesta mesma época, o Rio de Janeiro recebeu os antigos combatentes da Guerra de Canudos que se mudaram para o morro de Santo Antônio e Morro da Providência¹ onde construíram seus barracos com autorização dos chefes militares. Ocuparam a região para pressionar o Ministério da Guerra a cumprir com o combinado, o pagamento dos soldos atrasados (VALLADARES,2005, p. 26.).

A destruição dos cortiços e a vinda dos combatentes, associados a fragilidade das políticas públicas de habitação e moradia “levou a processos marginais de ocupação irregular que formam vastos territórios, caracterizados como periferias e favelas, e que emergem como contradição central na tensão entre a cidade formal e informal e os conflitos urbanos” (SOUZA, 2015, p. 527). A expansão da ocupação irregular nas encostas dos morros aumentou a visibilidade e ganhou notoriedade por parte das autoridades locais.

O Morro da Favella que ganhou maior notoriedade da mídia sendo divulgado como lugar de moradia de criminosos e vagabundos. Porém, antes do morro da favella/providência, outros morros foram ocupados de modo semelhante, como o morro de Santo Antônio em 1989, Quinta do Caju, a Mangueira e Serra morena em 1881 (VALLADARES, 2005).

Com o passar do tempo e com a expansão das favelas, os cortiços deixavam de ser o foco das ações higienistas e policiais que, por sua vez, concentraram-se nas favelas, cujas problemáticas ocupavam lugar de destaque nos debates sobre o desenvolvimento econômico da capital e do país, onde o discurso médico higienista era imperativo ao condenar as moradias insalubres que se localizavam nesses espaços. (VALLADARES,2005, p. 28)

O discurso higienista defendia o “embelezamento” e modernização da cidade e muitas vezes, a favela era colocada como obstáculo nesse processo. O que se pretendia não era a alteração das situações sociais precárias em que as famílias viviam ou da violência e insalubridade em que se encontravam. As intervenções colocadas em prática objetivavam a inibição do crescimento das favelas e para isso, o Estado fazia uso da força e coerção como a desapropriação compulsória das famílias, assim como aconteceu com os cortiços.

A expansão da favela era vista pela administração municipal como produção de desordem e prejuízos às normas da metrópole. O respaldo social dado às remoções das favelas era justificado pelo zelo do espaço público e desenvolvimento de uma sociedade sustentável, pelo ‘bem comum’. Tais discursos escondem e acobertam preconceitos de classe e racial. Os barracos ‘enfeiam’ a cidade, ao contrário das casas burguesas que embelezam o urbano,

¹ Inicialmente conhecido como morro da Favella, recebeu esse nome devido à planta comumente encontrada *Favella*, sendo amplamente utilizada para caracterizar o conjunto de barracos e habitações amontoadas construídas de modo precário.

gerando certa polarização do território de conflito: ordem contra a desordem, beleza contra feiura, civilização contra barbárie (SOUZA, 2015) ou como Carril (2006) se refere, a cidade legal contra a cidade ilegal.

Vale ressaltar que tanto a favela quanto os cortiços foram primeiramente vistos pela polícia, médicos sanitaristas e higienistas, por processos administrativos municipais etc, do que pelos olhares de sociólogos, antropólogos ou outros segmentos das ciências humanas ou sociais, que investigam outras questões, tais como o modo de vida, cotidiano, repertório social de seus moradores, que investigariam outros elementos que pudessem estimular os aspectos positivos encontrados nas comunidades, que pudessem contribuir para a elaboração de intervenções que respondessem às necessidades e demandas dos moradores.

Duas pesquisas inauguraram os estudos sobre as favelas sendo eles o relatório do médico Victor Tavares cuja pesquisa quantitativa realizada em 1943 envolveu aspectos da vida diária de moradores de 14 favelas do Rio de Janeiro. Outro estudo inaugural foi o trabalho de conclusão de curso de Maria Hortência do Nascimento Silva intitulado como “Impressões de uma assistente sobre o trabalho na favela” de 1942, sendo o primeiro estudo de caso em uma favela, era marcado por uma visão moralista e assistencialista, tendo em vista as influências da religião e caridade na formação oferecida pelo curso naquele momento (VALLADARES,2005).

Em resumo, a favela é um fenômeno urbano marcado socialmente e historicamente como lugar marginalizado, moradia da pobreza, violência e da falta de recursos. É a partir da precariedade urbana e descaso do poder público com as necessidades da comunidade que surgem as imagens que reforçam a favela enquanto lugar da carência, do precário, do insalubre espaço “a ser preenchido pelos sentimentos humanitários, do perigo a ser erradicado pelas estratégias políticas que fizeram do favelado um bode expiatório dos problemas da cidade.” (ZALUAR; ALVITO, 2006, p. 7-8). Porém, não existem apenas fragilidades e vulnerabilidades nas periferias e favelas, é necessário desconstruir este imaginário social.

A ‘periferia’ dá seu tom, é seu próprio centro, estabelece suas próprias relações de troca, é lugar onde a adolescência se desenvolve, onde os jovens mostram-se atentos às possibilidades que o território pode oferecer e que também podem ser envolvidos pelas vulnerabilidades e desigualdades sociais que tangem o espaço onde habitam. Pasternak e Ottaviano (2016) em sua análise sobre os dados do Censo de 2010 informam que em São Paulo a população que reside na favela é predominantemente mais jovem se comparada com o restante do município, onde 22% do total dos paulistanos têm até 30 anos, contra 28% dos moradores das favelas. Ou seja, as favelas constituem enquanto *lócus* privilegiado por onde a

juventude circula. Segundo Ozella (2011) a adolescência constitui-se enquanto constructo social a partir de necessidades, econômicas, históricas e sociais (OZELLA, 2011, p.43)

No presente estudo, a juventude moradora da favela ocupa papel central, uma vez que este segmento populacional se destaca quantitativamente e por sua capacidade de circulação e pela percepção que tem do próprio território. Estes adolescentes também vivenciam as vulnerabilidades sociais encontradas pelo espaço, caminham pelas ruas e vielas construindo relações por onde passam, é assim que encontram formas próprias para lidarem com os problemas (pessoais e sociais) que vão surgindo ao longo da vida.

Marcada pela curiosidade e energia, os jovens rumam à descobertas de novas sensações que vem com o crescer e com a ampliação da capacidade de interagir com o mundo ao seu redor. Essa busca por novas experiências pode expor alguns jovens a fatores de risco, levando-os às situações vulneráveis, como por exemplo a gestação precoce, o uso de substâncias, os conflitos com a lei etc., tais elementos justificam o fato de serem considerados um segmento da população que apresenta uma elevada taxa de vulnerabilidade (AYRES, 2006). Enquanto que a primeira infância apresenta um período cronológico estabelecido por Lei² compreendendo o período dos primeiros seis anos de vida, a adolescência apresenta divergências consideráveis entre autores e agências de saúde. Segundo a Organização Mundial de Saúde (2001), a adolescência é o período entre 10 e 20 anos, já o Estatuto da Criança e Adolescente – ECA (2015) a define entre os 12 e 18 anos de idade, não existe consenso à respeito do início e final da adolescência.

Nessa perspectiva, no Brasil existem algumas políticas públicas voltadas ao cuidado e proteção de crianças e adolescente, que oferecem diretrizes e estratégias de suporte à algumas das vulnerabilidades, riscos e outras questões que possam interferir no desenvolvimento natural desta população como por exemplo, a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens e o Programa Saúde da Escola, sendo esta uma política intersetorial da Saúde e Educação, instituído em 2007, volta-se para o desenvolvimento da cidadania e da qualificação das políticas voltadas às crianças, adolescentes, jovens e adultos da educação pública brasileira (BRASIL, 2009; 2012)

As políticas públicas existentes não são suficientes para identificar todos os problemas sociais que atravessam o espaço e a vida dos jovens moradores da favela. Essa preocupação alicerçou o presente estudo, que procura investigar a percepção de território, das fragilidades e potencialidades, que os adolescentes moradores de uma favela da Zona Leste de São Paulo

² Lei nº 13.257 de 8 de Março de 2016.

têm de seu próprio bairro, estabelecendo o registro fotográfico enquanto recurso metodológico.

As linguagens que percorrem a periferia são múltiplas, singulares e como qualquer outra, exige certo investimento quando analisada. O exercício de evidenciar o olhar do adolescente habitante de uma favela surge como possibilidade de análise territorial sobre as redes e fluxos que são percebidos pelos jovens, para isso, a fotografia surge nesta pesquisa enquanto instrumento de mobilização juvenil que possibilita o registro da percepção que o jovem tem da favela em que reside.

André Havt e Karina Abicalil são idealizadores do projeto Favelagrafia que é realizado em diferentes favelas do Rio de Janeiro (Complexo do Alemão, Santa Marta, Morro dos Prazeres, Canta Galo, Babilônia, Morro da Mineira, Borel, Rocinha e Providência). O projeto selecionou nove (9) jovens que fotografam o cotidiano das favelas em que residem, registrando suas histórias e paisagens produzindo uma memória visual do espaço. São projetos dessa natureza que reforçam a importância que a percepção juvenil tem na análise dos diversos aspectos que atravessam o cotidiano do território.

É dessa forma que a presente pesquisa procura investigar a percepção dos adolescentes residentes em um bairro de Ermelino Matarazzo sobre o território em que vivem. Aprofundar as discussões sobre vulnerabilidade social, segregação e espaços de pertencimento a fim de produzir um terreno fértil para que profissionais da educação e saúde consigam elaborar estratégias que dialoguem com a realidade social local. Principalmente no que tange às abordagens com adolescentes, na qual se percebe, na área da saúde, uma dificuldade no acompanhamento desta população, na educação a evasão escolar é um importante indicador que denuncia tal interferência.

FOTOGRAFIA E LINGUAGEM

Neste capítulo, associarei o campo da fotografia com alguns dos conceitos trabalhados por Mikhail Bakhtin, com o objetivo de subsidiar a inserção da fotografia dentro no campo da linguagem.

A linguagem é um campo amplo e não se resume apenas na articulação dos discursos orais e escritos, contempla também a forma em que os sentidos são (re)produzidos em seus diferentes contextos no cotidiano das pessoas. Mikhail Bakhtin (1895-1975) é um dos pensadores que se dedicou a estudar o campo da linguagem, um importante teórico da área cujas obras exploram a complexidade da linguagem humana. Para o autor (2011) a linguagem é um produto social que revela determinada posição diante o mundo, sendo resultado das interações sociais, das condições materiais, históricas e culturais de cada tempo e de cada povo.

A fotografia, recurso metodológico utilizado por este estudo, no exercício de ser compreendida pelo prisma da linguagem, mostra-se uma ferramenta útil na busca por evidências com sua capacidade de registrar de diferentes percepções dos adolescentes dessa pesquisa. Os registros realizados foram produtos das interações dos jovens com seu lugar de moradia - a favela. Ou seja, a escolha pelo o que (ou não) fotografar foi resultado de um processo social, não aleatória ou puramente estética, respondeu à uma série de elementos que serão discutidos a seguir.

Associar fotografia com linguagem foi um caminho teórico metodológico que auxiliou na análise das fotos registradas pelos adolescentes. A área da comunicação é repleta de elementos complexos que estão constantemente interagindo entre si e são atualizados no tempo, no espaço e na cultura. Dentro da comunicação, a linguagem surge enquanto fenômeno, código ideológico (SOBRAL, 2001).

Como dito acima, o campo da linguagem não está restrito apenas à criação ou elaboração de discursos, sejam eles orais ou escritos. Ao contrario, elementos não verbais devem ser considerados na construção dos discursos. (ANDRADE, 2015, p.16), que são resultados de um processo social de criação, influenciados pela subjetividade dos sujeitos motivados por seus diferentes contextos (históricos, culturais, espaciais, econômicos etc.), É elemento fundamental no desenvolvimento das relações interpessoais, pois possibilita a interação de diferentes sistemas de comunicação.

É imprescindível compreender a rede de contextos (históricos, sociais, culturais, econômicos, etc.) que envolve os sujeitos para compreender melhor como a linguagem se

estrutura e o impacto que essa organização tem na (re)produção das relações entre as pessoas. Para tanto, observar o fenômeno da linguagem não é uma tarefa simples, faz-se necessário localizar os discursos no tempo, espaço, cultura, sistema econômico em que os sujeitos – emissor(es) e receptor(es) – estão inseridos. Junto com a palavra dita, que pode ser uma conversa, um gesto ou uma imagem, há uma voz colocada em fluxo que deseja ser ouvida, significando algo a partir do oral, visual, gestual, corporal, etc.

Para Bakhtin (2011), toda atividade humana se relaciona com a utilização da língua (BAKHTIN, 2011, p.280). Ou seja, a fotografia enquanto atividade humana, também encontra-se relacionada ao uso da língua.

Vázquez (2011) entende que as atividades humanas são revertidas por atos intencionais, fora do campo da neutralidade, são orientadas à alguma finalidade, ocupam o terreno do ativo, da efetividade, na intenção de transformação. (VÁZQUEZ, 2011, p.222) É em atividade que os sujeitos interagem com o espaço em que vivem, utilizando atos dirigidos para transformar sua própria realidade. Para cada atividade humana, existe um gênero, tudo o que materializa um sentido apresenta um gênero específico.

Os gêneros do discurso são padrões de uso da língua que apresentam certa regularidade em sua forma composicional, tema e estilo, sendo usados em esferas específicas tais como a esfera jornalística, publicitária, do trabalho científico, artístico, dentre outras. É desta forma que estabelecem determinados padrões de comunicação (BAKHTIN, 2011).

A forma em que a língua é utilizada no meio social apresenta múltiplas possibilidades de utilização. Independente da diversidade de formas, o uso da língua produz determinados padrões: as ‘formas típicas de uso da língua’ ou enunciados que são as unidades de comunicação de cada diálogo. É desta forma que Bakhtin (2011) conceitua gêneros do discurso enquanto *tipos relativamente estáveis de enunciados*. “Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis de enunciados*, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*” (BAKHTIN, 2011, p.280).

Bakhtin (2011) afirma que a heterogeneidade e infinidade dos gêneros discursivos surgem de acordo com o desenvolvimento das necessidades da sociedade. Os gêneros do discurso são resultados da interação de aspectos sociais, geográficos, culturais, educacionais que se materializam em enunciados, pois “não há enunciado que não seja parte de um gênero” (BAKHTIN, M., 2011, p.38).

Os enunciados encontram-se presentes em toda formatação de gênero, independente de sua característica. Sua presença pode ser percebida em todo discurso ou posicionamento,

seja ele verbal, escrito, gestual ou de outra natureza. São embebidos de valores sociais, de sentido e revelam uma resposta a algo. “Cada enunciação, cada ato de criação individual é único e não reiterável, mas em cada enunciação encontram-se elementos idênticos aos de outras enunciações no seio de um determinado grupo de locutores” (BAKHTIN, 1988, p.77), existindo elementos de ordem social, singular e específica, onde sua repetição é improvável pelo fato de sua expressão ser um evento, um ato. É desta forma que o campo da linguagem é constituído, com toda sua complexidade e variedade. É dentro deste universo onde se localiza a linguagem fotográfica, na qual elementos simbólicos e signos estão constantemente transitando e alterando sua forma, proporcionando reflexões, respondendo diferentes intenções. Afinal, a fotografia também constitui-se enquanto modalidade de linguagem, onde uma única foto pode enunciar diferentes perspectivas do olhar do fotógrafo diante o mundo.

É neste contexto que este capítulo explora os motivos e justificativas que localizam a produção fotográfica dentro do campo da linguagem, trazendo alguns conceitos discutidos por Bakhtin que auxiliam na ampliação do entendimento sobre fotografia, tais como: enunciados, uso da língua, gênero discursivo, dentre outros.

Um breve sobrevoo na história da fotografia

Desde os primórdios da sociedade, as pessoas sentem a necessidade de registrar aspectos da vida diária. Para isso, usam diferentes métodos de registro que facilitam a captura das atividades cotidianas e das relações que perpassam as experiências vivenciadas no dia a dia das pessoas.

Uma dessas metodologias é a escrita, que nasceu a partir da necessidade de criar um registro que preservasse um determinado conteúdo ao longo do tempo, possibilitando a comunicação entre presente, passado e futuro. A escrita apresenta a capacidade de codificar significados em retas, conseguindo representar diversas dimensões, mas para Flusser (2011), a escrita não consegue apreender a dimensão da conceituação.

Em contraposição ao surgimento da escrita, as pinturas rupestres são consideradas uma das primeiras técnicas de registro. Foram produzidas há cerca de 30 mil anos, encontradas impressas nas paredes das cavernas, eternizam o sistema de crenças e as memórias de nossos antepassados. É por meio das pinturas rupestres que arqueólogos e estudiosos puderam perceber o contorno de animais e de hábitos rotineiros retratados por meio da dança, luta, caça e comunicação com o sagrado. Tais símbolos revelaram aspectos do modo de vida da população da época.

De modo semelhante, a fotografia também apresenta a capacidade de capturar sentimentos e representá-los por meio das imagens. A fotografia nasce no século XIX e, para Flusser (2011) a fotografia é resultado das evoluções óticas e das revoluções sociais que levantavam consigo um novo sistema político e econômico, o capitalismo. Foi inventada com o objetivo de recuperar a magia dos textos.

Com sua capacidade de registrar aspectos do cotidiano, a fotografia explora a relação de luz e sombra dos ambientes, imprimindo no papel uma visão de mundo do fotógrafo. Elementos e gestos do dia-a-dia ganham um novo contorno através da fotografia, por meio dela conseguimos acessar, perceber e alcançar aspectos da realidade registrada, fator que diminui a distância entre o observador e a realidade representada no registro fotográfico (CÂMARA, 2008, p.26).

Em sua origem, a fotografia assumiu um caráter mágico e de fantasia, pois localizava-se enquanto intensa novidade, marcada por tecnologia e ciência. Congelava um determinado momento e gerava sentimentos de desconforto e medo quando observado por algumas pessoas, assim como o fotógrafo Dauthendey demonstra em suas observações, citadas na obra de Benjamin:

As pessoas não ousavam, a princípio, olhar por muito tempo as primeiras imagens produzidas. A nitidez dessas fisionomias assustava, e tinha-se a impressão de que os pequenos rostos humanos que apareciam na imagem eram capazes de ver-nos, tão surpreendente era para todos a nitidez insólita dos primeiros daguerreótipos.
(BENJAMIN, W. 1985, p.95)

Câmara (2008) relembra que os primeiros aparelhos fotográficos (câmaras escuras ou quartos escuros) pouco revelavam algum primor artístico ou técnico, tendo em vista a realidade tecnológica da época. Foi somente no século XVII, com o avanço da ciência e tecnologia, as dimensões dos instrumentos fotográficos foram reduzidas, aumentando seu caráter de portabilidade e facilitando sua locomoção, ampliando assim, sua funcionalidade e capacidade de registro.

As câmeras fotográficas acompanham o desenvolvimento tecnológico da humanidade. Atualmente, existem diversos instrumentos fotográficos que possuem diferentes funções e técnicas. O caráter de portabilidade foi sendo cada vez mais estimulado, estando acopladas a praticamente todos os celulares, fator que democratizou o acesso à fotografia, popularizando a prática dessa atividade.

É dessa forma que a fotografia emerge enquanto ferramenta de pesquisa, atividade que possibilita a expressão de aspectos do mundo vivido dos participantes. A fotografia inaugura

uma janela para que os adolescentes possam expressar sua visão de mundo, transmutar sua voz em registros fotográficos.

Componentes do registro: O gesto que manipula o aparelho para fotografar imagens

A fotografia é historicamente reconhecida por seu caráter artístico, científico e documental, constitui-se enquanto campo híbrido, onde coexistem uma rede de variáveis, conceitos, associações, técnicas, etc. que viabilizam diferentes formas de expressão e comunicação entre sujeitos.

A fotografia oferece ao mundo uma imagem determinada ao mesmo tempo pelo ângulo de visão escolhido, por sua distância do objeto e pelo enquadramento; em seguida, reduz, por um lado, a tridimensionalidade do objeto a uma imagem bidimensional e, por outro, todo o campo das variações cromáticas a um contraste branco e preto; finalmente, isola um ponto preciso do espaço-tempo e é puramente visual, excluindo qualquer outra sensação olfativa ou tátil. (DUBOIS, 2017, p.38)

A relação que o fotógrafo estabelece tanto com o aparelho fotográfico quanto o ambiente em que a imagem é registrada perpassa por uma rede de significações que se iniciam ao vaguear pelo território/espaco contemplando o ambiente em busca de uma cena, de um texto, que por sua vez é evocado pelo olhar atento do fotógrafo que na manipulação do aparelho encontra o melhor ângulo e aperta o gatilho capturando e congelando aquele momento, que por fim, resulta na impressão da cena numa superfície plana. Dubois (2017), diz que a fotografia constitui-se fora do campo neutralidade, é um instrumento de análise, de transformação do real, passível de ser codificado.

A rede de elementos que envolve este campo é repleta de conceitos que precisam ser elucidados para que se possa aprofundar e desenvolver melhor a reflexão sobre o entendimento da fotografia enquanto modalidade linguística.

Sendo assim, para entender as engrenagens que envolvem o ato fotográfico e sobre como a fotografia constitui-se enquanto modalidade linguística é necessário compreender seus por menores, realizar uma análise minuciosa dos elementos que compõem a fotografia. Desta forma, serão discutidos alguns deles, tais como: Aparelho, Imagens e Gesto fotográfico.

Imagens e Imagens técnicas

As imagens possuem diversos sentidos, oferecem diferentes possibilidades de análise, encontram-se imersas num sistema complexo de símbolos, signos e linguagens conotativas e

constituem-se enquanto mediadoras das relações que os sujeitos estabelecem com o mundo, são códigos capazes de congelar eventos substituindo-os por cenas (FLUSSER, 2011), ou seja, a cena surge mediante a escolha intencional de reunir elementos de um evento que se encontravam dispersos no ambiente. Por exemplo, a fotografia de um telhado de um barraco localizado numa favela contrapondo-se ao azul de um céu cheio de nuvens. Os elementos corriqueiramente vistos no dia a dia (evento) foram reunidos, manipulados e expressos na fotografia (compondo uma cena).

A câmera fotográfica (aparelho) é fábrica de imagens técnicas que são impressas nas superfícies e se assemelham às impressões digitais, cada imagem possui sentido e significado únicos (FLUSSER, 2011). Ou seja, a imagem técnica é resultado do olhar do fotógrafo que foi registrado, é produto de um olhar contemplativo que captura transforma um evento em cena, tal imagem está repleta de sentido, onde diversos signos transitam e se encontram. Podemos relacionar isso ao conceito de Bakhtin de que signos “são símbolos que denotam não somente uma parte da realidade, mas também refletem e retratam outra (nova) realidade, e por isso são capazes de distorcê-la, ser-lhe fiel e/ou percebê-la de a partir de um ponto de vista específico” (BAKHTIN, 1988, p.93)

O processo de produção de uma imagem técnica (registro fotográfico) exige a conversão de conhecimentos de diferentes áreas do saber, que vão desde processos químicos, mecânicos e até mesmo linguagem artística. Sendo assim, as imagens técnicas possuem a capacidade de imprimir símbolos externamente abstratos, condensam os signos do espaço, codificam textos em imagens (FLUSSER, 2011).

Aparelho – A câmera fotográfica

Como discutido anteriormente, os aparelhos fotográficos acompanharam o desenvolvimento tecnológico e científico da humanidade. Hoje em dia são encontrados em diferentes formatos, tamanhos e estilos, acoplados em praticamente todos os celulares apresentando grande capacidade de inserção no cotidiano das pessoas. “Etimologicamente, a palavra latina *apparatus* deriva dos verbos *adparare* e *praeparare*. O primeiro indica prontidão para algo; o segundo, disponibilidade em prol de algo. O primeiro verbo implica o estar à espreita para saltar à algo.” (FLUSSER, 2011, p.31-32). Ou seja, configura-se enquanto ferramenta cuja principal função é estar pronta para a transformação de eventos em cenas, de um conceito apreendido no cotidiano e observado por seu operador – o fotógrafo.

Flusser (2011) associa o manuseio de um aparelho fotográfico ao de um jogo, onde seu ‘jogador’ não brinca *com* o aparelho, mas *contra* ele, compete contra seu ‘brinquedo’ a fim de descobrir todas as suas arte manhas e superar todos os desafios que o ‘jogo’ lhe impõe.

Estes aparelhos tem a capacidade de organizar os objetos estrangeiros aproximando-os do cotidiano dos sujeitos (FLUSSER, 2011). O complexo (aparelho-operador) ligará a imagem a seu significado. A interação que o fotógrafo estabelece com o aparelho é construída no dia a dia, com o manuseio, olhares e cliques. Para ampliar a capacidade de gerar uma fotografia, o fotógrafo se vê na necessidade de aprimoramento técnico, conhecendo as múltiplas funções que o aparelho apresenta para ampliar as possibilidades de apreensão de cenas corriqueiras, potencializando e incrementando seu olhar expressivo. Dessa forma, o indivíduo interage com o aparelho a fim de se nivelar à ele, já que o mesmo apresenta funções e técnicas variadas.

O discurso não se estrutura na neutralidade, ele acontece de modo intencional revela posicionamento, assim como na fotografia, cujo ato fotográfico implica um posicionamento do fotógrafo, revelando um aspecto do real, resultado de uma escolha do fotógrafo. (DUBOIS, p.40, 2017)

Por mais simples que pareçam, os aparelhos fotográficos apresentam diferentes técnicas de manipulação, fatores que influenciam a funcionalidade de cada um. A câmera possibilita a interação com elementos concretos a partir da capacidade de apreender a luz e o movimento de um determinado momento. Outros aspectos estão diretamente ligados ao olhar e criatividade do fotógrafo, sua sensibilidade em perceber o ambiente e capturar alguma cena. Ou seja, quanto mais complexo for o aparelho e mais funções apresentar, maiores serão as possibilidades de manuseio da câmera, potencializando a expressão do olhar do fotógrafo que, em contra partida, exigirá maior esforço para que o mesmo consiga dominar as técnicas que o aparelho exige. Flusser (2011) reitera que a câmera fotográfica apresenta a capacidade de produzir, manipular e armazenar símbolos imprimindo-os em superfícies por meio do ato fotográfico.

Gesto de fotografar

Cada aparelho fotográfico apresenta seu limite técnico e operacional, mas o olhar do fotógrafo não, este é o responsável pela captura de uma cena externa por meio do ‘gesto fotográfico’. É na última decisão, no clímax do romance com o ambiente, com o evento, que

se materializa o gesto fotográfico – o apertar do gatilho. O ‘click’ dado origina a fotografia, que por sua vez transborda possibilidades de visões do mundo (FLUSSER, 2011).

O gesto acontece em ato, pode-se associar os movimentos e gestos do fotógrafo que busca um bom enquadramento, uma boa situação a ser fotografada, aos de um caçador, que articula estrategicamente seus movimentos para a captura de sua presa.

O processo de compreensão de uma dada fotografia perpassa a decodificação dos conceitos e imagens observadas na imagem produzida com o gesto fotográfico. Tal codificação apresenta-se enquanto processo inacabado, sendo que “todo nível de deciframento apresentará mais um a ser decifrado” (FLUSSER, V. 2011, p.40). É com a interação destes conceitos que se constitui o ‘*devir* fotográfico’. Delleuze e Guatarri (1997) definem o termo ‘devir’ como um processo inacabado de ‘vir a ser’, sempre em constante modificação e aprimoramento, termo também utilizado por Bakhtin.

É dentro dessa discussão que a fotografia se constitui enquanto processo, atualizada no tempo, espaço, cultura, contexto social e econômico, tanto pelo olhar do sujeito o opera o aparelho quanto por quem contempla a imagem final (fotografia).

Uma imagem revela mais que mil palavras

A paisagem do cotidiano é repleta de elementos que desfilam constantemente pelo olhar dos transeuntes que, quando munidos de um aparelho fotográfico, escolhem fotografar algum evento, transformando-o em cena. Tais elementos ganham cor, luz, sombra e sentido e comunicam-se diretamente com o universo pessoal e social do fotógrafo.

É desta forma que a fotografia se configura como meio de comunicação, pois permite a impressão de uma visão de mundo do sujeito que escolheu o momento certo (no tempo e no espaço) para apertar o gatilho da câmera e eternizar seu olhar guardando-o em um álbum de família, postando em alguma rede social, inserindo em alguma galeria de arte, etc. Independente do lugar escolhido, ela tem algo a dizer, revela e enuncia algo.

O conteúdo discursivo impresso nas fotografias compõe um projeto enunciativo, que “envolve o embate entre entonação avaliativa (a inflexão que o locutor busca imprimir ao que diz) e a resposta ativa (a recepção necessariamente valorativa, do interlocutor ao dito)” (SOBRAL, 2001, p.37).

O fotógrafo (locutor) inicia seu projeto enunciativo com o vaguear do seu corpo e olhar pelo espaço até o momento em que encontra um evento que lhe chama atenção e decide registrar aquele momento em imagem, em cena. Este processo não é neutro, pelo contrário, é

carregado de intencionalidade, história, valores e posicionamentos (a inflexão que o fotógrafo busca imprimir o que vê). É discurso porque enuncia algo e pede uma resposta. Neste caso, a resposta ativa acontece no encontro do sujeito interlocutor com a imagem registrada, seja numa galeria de arte, numa rede social, álbum de família, na rua, etc.

Este encontro, que é possível mesmo sem a presença do autor das imagens, gera recepções valorativas diferentes em relação ao conteúdo da fotografia. Por exemplo: uma pessoa que visita uma galeria de arte onde encontra diversas fotografias, responde de uma maneira diferente daquelas que passam o tempo olhando fotos de amigos em redes sociais. Ou seja, os discursos dos registros fotográficos também dependem dos contextos que são visualizados e dos sentidos que produz para quem observa.

Bakhtin (1988) nos lembra que as atividades humanas são indissociáveis ao uso da linguagem. Enquanto houver atos e atividades humanas, haverá gêneros que os acompanhem. Sendo a fotografia uma atividade humana, esta também apresenta uma diversidade de gêneros, pois se divide na medida em que organiza o formato de apresentação do conteúdo registrado, (Exemplo: Fotografia publicitária, documental, jornalística, etc.). Cada um deles guarda algo de singular e específico, pois todo ato é único e não se repete, porém existe algo que é comum, que diz respeito à todos eles, encontrando-se nas suas mais variadas representações.

Se o que une esses dois componentes é a valoração que o sujeito faz necessariamente de todos os seus atos, sua entonação avaliativa, que pressupõe uma resposta ativa, o que os explica na teoria é a integração entre significação (generalidade) e sentido (particularidade que mobiliza em contexto a generalidade em cada ato) em todo ato. (SOBRAL, 2001 p.38)

A forma em que a linguagem fotográfica se organiza permite a expressão de uma variedade de gêneros, afinal, toda atividade humana é acompanhada por gêneros discursivos. O ato de fotografar encontra-se imerso em aspectos únicos marcados pelos contextos que atravessam o sujeito.

Gênero como locus específico de manifestação da linguagem, numa proveitosa junção entre singularidade e generalidade, isto é, respeito à especificidade (os sentidos instaurados em seus contextos específicos) e à generalidade (as significações mobilizadas) de cada enunciado, que faz dele membro de um gênero. (SOBRAL, 2001 p.37-38)

Sendo uma atividade expressiva, aspectos individuais, coletivos e sociais encontram-se articulados e indissociados no ato fotográfico. O sujeito, ao executar alguma atividade humana, expressa conteúdos de seu psiquismo pessoal, tais conteúdos são produtos, resultados da interação com o ambiente, pessoas, sistemas, instituições, etc., na qual os signos e símbolos auxiliam nesse processo de exteriorização (BAKHTIN, 1988).

A fotografia é uma modalidade que possibilita a expressão do discurso do sujeito por meio da exteriorização das imagens produzidas por diferentes visões de mundo ou de situações sociais complexas. No campo da fotografia está impressa a intencionalidade do emissor. Assim, a fotografia constitui-se enquanto meio de comunicação que possibilita a construção de um “projeto de dizer”, que enuncia um pensamento, uma posição diante de algo, decifrar esse conteúdo é recuperar os textos que tais imagens constroem. Os elementos das fotografias são aspectos relativos ao mundo. A fotografia não representa o mundo em sua totalidade, ela apreende uma das visões possíveis sobre ele (FLUSSER, 2011).

É dentro desse processo que a fotografia constitui-se enquanto campo que possibilita uma diversidade de gêneros que respondem ao projeto de dizer de cada fotógrafo. Captar, apreender a intenção do fotógrafo é praticamente impossível quando se avalia uma única foto; faz-se necessário conhecer a série fotográfica, o momento histórico e espacial em que os registros foram realizados, para que a intenção do fotógrafo possa ser revelada. A cada imagem uma nova intencionalidade, um novo posicionamento, a construção de uma cena nasce, ganha corpo e movimento.

Fotografia e a produção de enunciados visuais

Para que se possa analisar o discurso evocado pelos participantes, faz-se necessário a exploração e localização do processo de dizer de cada um, lembrando que cada um deles está inserido numa cultura, num espaço social, imerso em relações com vizinhos, familiares e com a história do lugar onde vivem. Este discurso será, então, resultado da interação de todos esses elementos num dado contexto, num dado tempo histórico. Flusser (2011) afirma que as condições culturais precisam ser decifradas para assim, analisar as fotografias. Bakhtin (1988) reforça ao dizer que as estruturas dos enunciados (também presentes nas fotografias) são diretamente influenciadas pela situação e ambiente sociais nas quais o sujeito se insere.

Cada fotografia também pode ser analisada enquanto enunciado visual, pois a obra fotográfica (que pode ser composta por uma única foto ou por um álbum inteiro) não deixa de apresentar uma *temática*, a intenção do fotógrafo invade o olhar do observador (por exemplo: fotografias com temáticas relacionadas à desigualdade social, à guerra, natureza, etc.) Apresenta também um *estilo* que carrega traços pessoais de cada fotógrafo (existem alguns autores que registram todas as imagens em preto e branco, outros que realizam um enquadramento específico com objetos isolados, etc.). E a *construção composicional* fica relacionada à estrutura, à organização da fotografia como o enquadramento, a profundidade e

perspectiva, o modo como os elementos estão distribuídos na foto ou até mesmo na quantidade de incidência de luz e sombra. Estas categorias (tema, estilo e construção composicional), assim como nos enunciados, são encontradas nas fotografias.

A enunciação só se concretiza em confronto com outros enunciados numa relação dialógica e dialética com diferentes produções discursivas. É fruto da interação entre distintos sujeitos sociais, é a continuação de algo já iniciado, um elo em uma cadeia infinita de outros enunciados, um ponto de encontro entre visões de mundo (BAKHTIN, 2011). Neste sentido, pode-se dizer que a fotografia também se constitui nessa relação, pois está embebida da visão de mundo e representa o olhar de quem a registrou.

A exploração da ideia que o conceito ‘palavra’ adquire quando uma ponte discursiva que liga falante ao interlocutor é construída também encontra-se presente no campo fotográfico, onde uma imagem (foto) pode representar uma palavra (ou um texto) dita pelo fotógrafo dentro de um discurso, representado por uma galeria de fotos, ou ainda, palavras podem ser encontradas numa mesma fotografia, representadas por elementos, signos e símbolos impressos no papel

A importância da orientação da palavra para o interlocutor é extremamente grande. Em sua essência, a palavra é um ato bilateral. Ela é determinada tanto por aquele de quem ela procede quanto por aquele para quem se dirige. Enquanto palavra, ela é justamente o produto das inter-relações do falante com o ouvinte. Toda palavra serve de expressão ao “um” em relação ao “outro”. Na palavra, eu dou forma a mim mesmo do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva da minha coletividade. A palavra é uma ponte que liga o eu ao outro. Ela apoia uma das extremidades em mim e a outra no interlocutor. A palavra é o território comum entre o falante e o interlocutor. (BAKHTIN, 1988, p.205)

Pode-se dizer que a construção do enunciado de uma fotografia também tange promessas e ameaças, nos mais diferentes graus, tendo em vista a diversidade de elementos simbólicos que podem compor cada fotografia. Alguns interlocutores podem captar de fato o projeto de dizer do fotógrafo, assim como podem não o fazer, ou ainda compreender algo que não foi intenção do fotógrafo, mas que nasceu da relação que o sujeito estabeleceu com a imagem.

A fotografia é uma narrativa visual onde um enunciado imagético posiciona o sujeito no mundo. É uma atividade humana que imprime uma posição onde o fotógrafo coloca sua intenção, seus discursos em diálogo com diferentes contempladores. A cada foto, um novo texto para conversar, novas mensagens a serem emitidas, decodificadas e recebidas por olhares atentos que, além de contemplar, também respondem ao que enxergam. É um produto social, resultado da história de sua vida do fotógrafo.

É desta forma que a fotografia apresenta-se enquanto modalidade linguística, repleta de possibilidades de análise e decodificações, capaz de revelar visões de mundo, mostrando-se enquanto potente instrumento de pesquisa mediando e capturando as relações que os adolescentes estabelecem com o território.

METODOLOGIA

Esta pesquisa trata-se de um estudo qualitativo exploratório que utiliza o método autofotográfico como recurso metodológico. Neste método, são os próprios adolescentes, participantes da pesquisa, que realizaram as fotografias.

Segundo Minayo (2002, p. 21, 22), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que significa analisar um espaço mais profundo nas relações de processos e fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Desta forma, a abordagem qualitativa tem o propósito de explorar o universo que emerge no material coletado, ampliando as discussões sobre os significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável por meios quantitativos.

Segundo Silva & Koller (2002), a fotografia é um método investigativo que favorece o contato do participante com o seu mundo interno. Assim, informações contidas nas imagens fotográficas proporcionam uma compreensão ampliada da realidade em que o sujeito está inserido (SILVA & KOLLER 2002), pois estabelecem uma ponte entre o mundo interno e mundo externo de quem realiza os registros.

Com suas múltiplas formas de registrar aspectos do cotidiano, a fotografia explora a relação de luz e sombra de ambientes diversos, imprimindo no papel uma visão de mundo percebida pelo fotógrafo. “Todo e qualquer gesto do dia-a-dia, por mais comum e repetitivo, ganharia nova aura, através da fotografia. Não era só ver a realidade, mas percebê-la, alcançá-la, tocá-la” (CÂMARA, M. 2008, p.26).

Atendendo a preconização da Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 1997), que regulamenta os aspectos éticos da pesquisa envolvendo seres humanos, esta pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNIFESP sob o Número 2.581.858.

Jovens Fotógrafos: sujeitos da pesquisa

Os participantes da pesquisa foram seis (6) adolescentes (cinco do sexo feminino e um do sexo masculino) com idades entre quinze (15) e dezessete (17) anos, residentes em uma favela localizada na região de Ermelino Matarazzo - Zona Leste da cidade de São Paulo.

Adotou-se o termo ‘favela’ para nomear a região pesquisada, uma vez que tal termo foi percebido em repetição durante as entrevistas com os adolescentes, o termo foi escolhido

pelos mesmos para identificarem seu local de moradia. A favela da ‘Sapolândia’, como os próprios moradores nomeiam o conjunto de ruas e vielas que se enraízam nas encostas do morro na região de Ermelino Matarazzo, é marcada por uma intensa movimentação relacionada ao tráfico de drogas, onde a entrada de estrangeiros não é permitida sem a autorização dos organizadores do tráfico. Sendo assim, estrategicamente, o mapeamento e seleção dos jovens ocorreram após estudo exploratório da região. Nesta fase da pesquisa, o pesquisador contou com a intermediação de duas lideranças comunitárias que moram no local, ambas Agentes Comunitárias de Saúde (ACS) da Unidade Básica de Saúde (UBS) de referência.

A parceria com as Agentes Comunitárias permitiu ao pesquisador: maior liberdade na exploração do território, identificação e contato com os adolescentes que foram sugeridos pelas ACS. Desse modo, a seleção dos participantes ocorreu por critérios de conveniência, tendo em vista que se trata de uma região marcada por vulnerabilidade social e regida pelo controle do tráfico de drogas, foi esta estratégia que permitiu o desenvolvimento do estudo.

As primeiras entradas na favela e o primeiro contato com as famílias também foram intermediados pelas lideranças comunitárias, entretanto, os demais encontros aconteceram sem a presença destes, pois o pesquisador passou a acessar o território acompanhado dos próprios adolescentes.

Após a exploração do território, realizou-se o mapeamento e seleção de dez (10) adolescentes, indicados pelas agentes comunitárias. Utilizou-se como critério de seleção a presença de algum responsável na residência durante todos os encontros. Dos dez (10) adolescentes selecionados, dois (2) não aceitaram participar, mesmo tendo recebido a autorização dos responsáveis. Em ambos os casos, não houve justificativa explícita para a recusa. Um adolescente registrou as imagens, mas não quis ser entrevistado, e um (1) outro entregou a câmera sem nenhuma fotografia. Desta maneira, foram incluídos na pesquisa as fotografias e entrevistas de seis (6) jovens.

O estudo desenvolveu-se em três (3) encontros, sendo eles:

1º Encontro: O pesquisador do estudo dirigiu-se à residência de cada um dos adolescentes selecionados e, na presença de seus pais ou responsáveis, explicou a proposta do estudo, convidando o adolescente a participar do projeto. Para os oito (8) adolescentes participantes, este primeiro encontro teve também por objetivo promover o estreitamento de vínculo entre pesquisador e adolescente, uma vez que, após o consentimento da participação do adolescente, o pesquisador passava algumas horas com este, conversando sobre sua rotina e outros assuntos.

Ao final deste encontro, com os formulários assinados pelos jovens e seus responsáveis (ANEXO I e II), a câmera fotográfica analógica descartável foi entregue aos adolescentes participantes, juntamente com orientações básicas sobre seu funcionamento (ANEXO III). Cada câmera tinha um filme de vinte e oito (28) fotografias e era fácil manuseio. As orientações eram sobre como registrar a foto e utilização das funções existentes como zoom e flash para ambientes escuros, dicas de posicionamento, etc.

Os participantes foram orientados a fotografar tudo o que lhes chamasse a atenção no bairro onde moram e por onde circulam, considerando seus incômodos, desejos, medos, sonhos, lugares que gostam ou não de ir, etc., com liberdade para registrar quantas fotos desejassem, dentro de um limite de vinte e oito (28) imagens. Estabeleceu-se um período de aproximadamente quinze dias para que os adolescentes pudessem explorar o território e registrar suas imagens.

2º Encontro: Terminado o período estipulado ou quando os adolescentes se manifestassem a finalização das fotografias, o pesquisador dirigiu-se à residência dos participantes para retirada da câmera e posterior revelação das fotos. Conversou-se sobre amenidades e possíveis intercorrências ocorridas nesse período e combinou-se a data para o terceiro e último encontro.

3º Encontro: o pesquisador reuniu-se com cada um dos 6 adolescentes em suas respectivas residências e, tendo em mãos as fotos reveladas, realizou uma entrevista semiestruturada (ANEXO IV) abordando o contexto e motivações para o registro de cada foto, convidando o adolescente a nomear cada fotografia, se o desejasse. As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas.

Para assegurar o anonimato dos participantes, optou-se por atribuir-lhes pseudônimos com nomes de algumas ruas da região. Desta forma, teremos o olhar de *Fernão Mendes Pinto*, *Abaíra*, *Vuearana*, *Caiçara do rio do vento*, *Ajuana* e *Marielle Franco*. Ressalto a dificuldade de encontrar nomes femininos nas ruas da região, a maioria delas recebem nomes masculinos. Por isso optou-se por pegar emprestado o nome da Rua Marielle Franco³, do estado do Rio de Janeiro.

³ Rua que homenageou a socióloga, política e feminista brasileira que foi brutalmente assassinada em março de 2018. Conhecida por seu importante papel no estudo sobre as Unidades de Polícia Pacificadoras (UPPs) nas favelas (FRANCO, 2014) e defensora dos direitos humanos, este ícone da luta pela favela ainda resiste em cada um de nós que lutamos contra as injustiças sociais desse país.

RESULTADOS

Os resultados deste trabalho foram elaborados no formato de dois artigos, sendo eles:

- A voz dos olhares que percorrem a periferia: o território sob as lentes do adolescente. Com autoria de João Gabriel Trajano Dantas e Denise De Micheli. Este artigo será submetido à Revista Interface.
- Juventudes em foco: Fotografia enquanto recurso metodológico, uma revisão integrativa. Com autoria de João Gabriel Trajano Dantas, Carolina Macedo e Denise De Micheli. Este artigo será submetido à Revista Interface.

Artigo 1

A Voz dos Olhares que percorrem a Periferia: O território Sob as Lentes do Adolescente

João Gabriel Trajano Dantas¹

Denise De Micheli²

1. Terapeuta Ocupacional Mestrando do Programa de Educação e Saúde na Infância e Adolescência da Universidade Federal de São Paulo – Unifesp – Campus Guarulhos.

2. Professora Adjunta do Departamento de Psicobiologia e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação e Saúde na Infância e Adolescência – UNIFESP; Coordenadora do Centro Interdisciplinar de Estudos em Neurociências, Saúde e Educação na Adolescência (CIENSEA) – demicheli.unifesp@gmail.com

Resumo: A periferia de São Paulo foi constituindo-se ao longo da história da cidade e por vezes, foi vista como obstáculo ao desenvolvimento da metrópole. Grande parte da população de São Paulo reside em favelas, fenômeno urbano encontrado nas periferias de grandes centros urbanos. Apesar das marcas deixadas pelas situações de desigualdade social, violência e pobreza, a favela também é espaço fértil que nutre sentimentos de pertencimento, solidariedade e resistência em seus moradores, mesmo abarcando em si a dificuldade do acesso a bens básicos como saúde, segurança, cultura, educação etc. As juventudes que também vivem e circulam pelas ruas e vielas da favela, detém um olhar específico sobre o próprio território de moradia. Desta forma, este estudo configura-se enquanto pesquisa qualitativa exploratória cujo objetivo foi identificar a percepção que os adolescentes moradores de uma favela localizada na Zona Leste de São Paulo têm de seu próprio território. Utilizou a fotografia e entrevistas orais enquanto instrumentos de análise, resultando num acervo de 85 fotografias onde diferentes perspectivas do território foram apresentadas pelos adolescentes: ruas, praças, serviços públicos, vielas, etc., revelando dimensões de lazer, articulação comunitária, trabalho e renda, organização da favela, precariedade do sistema de limpeza urbana, dentre outros. Sendo assim, o empreendimento da criação de narrativas visuais fez com que diferentes aspectos da favela pudessem ser expostos, discutidos e analisados. A fotografia fez-se uma ferramenta mediadora que auxiliou na amplificação das vozes dos jovens participantes, permitindo a criação de cartografias visuais do território de vida.

Palavras chave: Juventude; Adolescência; Fotografia; Vulnerabilidade Social; Favela.

INTRODUÇÃO

A periferia compõe as margens dos centros urbanos das cidades modernas e muitas vezes comporta a precariedade do acesso aos bens básicos como saúde, educação e segurança, vivendo à margem do desenvolvimento urbano. O conceito de periferia expressa claramente o aspecto social, através da ideia de favela pela acentuada condição de pobreza encontrada, ou seja, pela falta ou ausência de bens, localizada em vários núcleos dessa região. (ANDRADE, 2015, p. 20).

Do ponto de vista histórico, Valladares (2005) ressalta que as favelas foram historicamente referidas como espaços insalubres, sem lei e anti-higiênicos. Alvo de duras críticas por parte da saúde e segurança públicas, medicina, urbanismo e engenharia eram tratadas como problema social e moral pela sociedade. Muitas favelas foram erradicadas pelo poder público por serem vistas como obstáculos ao desenvolvimento urbano, mesmo sua existência antecedendo a criação das cidades modernas.

Apesar de ser vista como antítese de uma cidade ideal, a favela é uma organização urbana “tão antiga quanto o mundo; a cidade é a grande novidade da história da civilização. A favela é, por assim dizer, a forma natural de organização dos homens numa sociedade ditada pela escassez.” (KEHL, 2010, p. 15).

Em seu livro – Breve histórico das favelas – Luis Kehl (2010, p. 16) compara a favela ‘Nossa Senhora Aparecida’, situada na Zona Leste da cidade de São Paulo com as implantações de Ur, na Babilônia, datada de 3.700 A.C. o autor evidencia a semelhança no padrão observado entre as duas regiões, tanto à aspectos relacionados ao adensamento, como na identificação de traços irregulares. Sendo assim, as favelas surgem

não apenas com outras condições de moradia subnormal da atualidade, mas também com inúmeras formas de traçado urbano pré-cartesianas, como as que nos apresentam as civilizações islâmicas, africanas, hindus e extremo-orientais, e no caso ocidental, aquelas anteriores às revoluções urbanas trazidas pelo capitalismo e pela industrialização, a partir do século XVI (KEHL, 2010, p. 16-17).

A precariedade do acesso aos bens básicos intensifica situações de vulnerabilidade que podem ser percebidas nessas regiões expõe seus moradores, dentre eles o adolescente, a) situações de risco. Importante ressaltar que os elementos que compõem o conceito de vulnerabilidade são complexos, sendo diversos os fatores que intensificam os processos de desigualdade social, tais como: pobreza, baixa escolaridade, áreas de moradia, baixa oferta de serviços públicos (da assistência social, educação, saúde e cultura), etc. Como afirma Bradenbrug (2012), a falta de acesso (ou o acesso precário) à escolarização compõe um

importante fator que aumenta a situação de vulnerabilidade entre os jovens e adolescentes, principalmente no que diz respeito à construção de projetos de vida, inserção no mundo do trabalho e produção de bens culturais.

Desta forma, faz-se necessário o investimento de pesquisas que possam ampliar a percepção dos moradores frente aos aspectos sociais e culturais que podem observar no próprio território. Assim, estratégias que respondam à essa realidade, às demandas e necessidades dessa população possam entrar em cena.

Lopes e Malfitano (2006) advertem sobre a urgência de pesquisas que explorem melhor o protagonismo juvenil. O olhar do adolescente mostra-se sensível às diversas temáticas atravessam seu próprio cotidiano e território, revela questões relacionadas à educação, lazer, cultura, desigualdade e vulnerabilidade social, saúde, dentre outras tão importantes para a contemporaneidade. Sendo assim, conhecer as vicissitudes que perpassam o cotidiano vivido na periferia sob a ótica do adolescente, auxilia nas reflexões sobre esse território a partir do olhar de quem nele vive, utilizando o protagonismo juvenil para revelar aspectos importantes da periferia.

É dentro deste cenário que a utilização da fotografia surgiu com importante recurso documental para este estudo, permitindo a feitura de cartografias visuais que possam revelar aspectos da percepção de jovens moradores de uma favela da Zona Leste de São Paulo.

A categoria autofotográfica, enquanto modalidade de pesquisa permite a expressão das percepções do sujeito, exterioriza visões de mundo que são impressas nas imagens podendo revelar situações sociais complexas e elementos que compõem o cotidiano, fatores estes que justificam sua utilização enquanto recurso metodológico privilegiado (SILVA; KOLLER, 2002).

O conjunto de fotografias cria uma espécie de cartografia visual. O termo cartografia vai além do mapeamento geográfico, ampliando a possibilidade de expressão que acompanha a existência e os sentidos produzidos por determinada situação de vida e desejos. Segundo Rolnik (1996, p.14), as cartografias acontecem na circulação por territórios de vida e afeto, são criadas no atrito entre o mundo interno com os espaços externos aos sujeitos.

A fotografia constitui-se enquanto campo profissional e artístico bastante complexo, onde são encontrados uma diversidade de variáveis, conceitos, associações, técnicas, etc. A triangulação estabelecida entre o fotógrafo, o aparelho fotográfico e o ambiente atravessa uma rede de significações que vão desde contemplação do ambiente em busca de uma cena, de um texto evocado pelo olhar atento do fotógrafo que, ao manipular o aparelho a fim de capturar o

melhor ângulo, aperta o gatilho (clímax) resultando no registro da cena numa superfície plana, a fotografia (FLUSSER, 2011).

Este trabalho emerge com a intenção de investigar a relação que os adolescentes moradores de uma favela da Zona Leste da cidade de São Paulo têm com o território onde moram. Com vistas a promover o protagonismo juvenil, procurou-se ampliar a voz dos olhares desses adolescentes que, como coautores, teriam a missão de fotografar o território onde moram e circulam. Foi por meio das fotografias e entrevistas orais que este artigo propõe uma discussão sobre temas e elementos que compuseram as narrativas (visual e oral) dos participantes.

Para isso, é inevitável apresentar questões sobre: como apreender o olhar dos adolescentes? E se dermos câmeras aos adolescentes de um bairro da periferia? Bairro este marcado por diversas situações de desigualdade social e violência, o que seus olhares captariam? Quais aspectos apontariam em seu próprio território? Como articulariam melhorias e investimentos territoriais? Foi com base nesses questionamentos que este estudo se desenvolveu, investindo esforços para apreender o foco do adolescente habitante de uma favela da Periferia de São Paulo.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo qualitativo exploratório que utiliza a fotografia autofotográfica como recurso metodológico, no qual seis (6) adolescentes, com idades entre quinze (15) e dezessete (17) anos, participaram fotografando sua visão sobre as relações que constituem no espaço em que habitam, cujos instrumentos de análise foram as fotografias registradas e entrevistas gravadas e transcritas.

Adotou-se o termo ‘favela’ para nomear a região pesquisada, uma vez que tal termo surgiu nos discursos dos adolescentes para caracterizar o espaço onde moram.

O estudo desenvolveu-se em três (3) encontros, sendo: 1º encontro - contato do pesquisador junto ao adolescente e sua família, explicação da proposta do estudo e convite à participação e entrega da câmera fotográfica; 2º encontro - retirada da câmara fotográfica para revelação das fotos; 3º encontro - entrevista com participantes, com base nas imagens retratadas.

As câmeras fotográficas distribuídas eram de fácil manuseio e tinham a capacidade de registrar vinte e oito (28) fotografias. Foi dada a liberdade aos participantes para realizarem quantos registros desejassem, dentro desses limites.

Após a entrega das câmeras, estabeleceu-se um período de quinze dias para que os adolescentes pudessem explorar o território e registrar suas imagens. Ao término deste período o pesquisador dirigiu-se à residência dos participantes para retirada da câmera e posterior revelação das fotos, conversou com estes sobre amenidades e possíveis intercorrências e combinou-se a data para a entrevista.

No terceiro e último encontro, o pesquisador reuniu-se com cada um dos seis (6) adolescentes em suas respectivas residências e, tendo em mãos as fotos reveladas, realizou uma entrevista semiestruturada abordando o contexto e motivações para o registro de cada foto, convidando o adolescente a nomear cada fotografia, se o desejasse. As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas.

Para assegurar o anonimato dos participantes, optou-se por atribuir-lhes pseudônimos com nomes de algumas ruas da região. Desta forma, teremos o olhar de 1. *Fernão Mendes Pinto*, 2. *Abaíra*, 3. *Vuearana*, 4. *Caiçara do rio do vento*, 5. *Ajuana* e 6. *Marielle Franco*. Ressalto a dificuldade de encontrar nomes femininos nas ruas da região, a maioria delas receberam nomes masculinos. Por isso optou-se por pegar emprestado o nome da Rua Marielle Franco ⁴, do estado do Rio de Janeiro.

Análise dos resultados

As entrevistas individuais foram analisadas por meio da análise de conteúdo conforme proposto por Bardin (1997). Desta forma, buscou-se identificar as categorias que emergiram a partir das fotografias e entrevistas.

Os ‘clicks’ fotográficos dos jovens resultaram num acervo de 85 fotografias e as entrevistas geraram cerca de três (3) horas e cinquenta (50) minutos de gravação, sendo posteriormente transcritas.

Após a transcrição das entrevistas, realizou-se uma primeira leitura com objetivo de se obter um contato mais profundo e detalhado com o material coletado (fotos + entrevistas) de cada participante. Após esta etapa, iniciou-se a identificação de categorias de análise e unidades de registro que emergiram nos discursos dos adolescentes. Para tratamento dos

⁴ Rua que homenageou a socióloga, política e feminista brasileira que foi brutalmente assassinada em março de 2018. Conhecida por seu importante papel no estudo sobre as Unidades de Polícia Pacificadoras (UPPs) nas favelas (FRANCO, 2014) e defensora dos direitos humanos, este ícone da luta pela favela ainda resiste em cada um de nós que lutamos contra as injustiças sociais desse país.

resultados, realizou-se uma discussão sobre as categorias levantadas pelos adolescentes, produzindo assim os resultados e discussões deste trabalho.

A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP (parecer nº 2.581.858).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Não houve consenso sobre como a câmera acompanhou os percursos de cada participante, porém alguns elementos se repetiram nas cartografias realizadas pelos adolescentes como, por exemplo: organização das praças, ruas e vielas, o incômodo com o lixo, a paisagem que mistura céu com o conjunto de casas na encosta do morro, etc. Ou seja, por mais personalizado que fosse o olhar de cada jovem, sempre existiram elementos que foram compartilhados, que foram recorrentes entre eles, como se juntos pudessem realizar uma fotografia panorâmica da favela onde habitam.

Embora se tenha observado elementos similares retratados nas imagens dos seis adolescentes, a triangulação ‘Fotógrafo-Câmera-Ambiente’ foi bastante singular. *Abaita* registrou imagens dentro de sua própria casa e de seu trabalho; *Fernão Mendes Pinto* fotografou paisagens vistas do seu quintal e da igreja que frequenta; *Vuearana* registrou imagens que, segundo ela, remetiam a sua infância e outras relacionadas às delicadezas que encontrava pelas ruas e calçadas por onde andava; *Caiçara do Rio do Vento* pegou sua bicicleta e saiu fotografando ruas, praças e serviços públicos de suporte social; *Ajuana* levou sua câmera à escola e retratou imagens com seus amigos, assim como fotografou a escadaria de uma praça e *Marielle Franco* fotografou aspectos dos caminhos que realiza em seu dia a dia, movendo-se para diferentes destinos. Desta forma, cada participante representou seu território a partir da ótica do seu próprio cotidiano.

Os resultados apresentados na tabela 1 dão indícios de que as câmeras fotográficas descartáveis funcionaram como GPS, mapeando o mundo externo dos participantes, motivados por seu mundo interno (desejos, medos, gostos e desgostos etc.). Conforme pode ser observado, as entrevistas com menor duração foram as de *Abaita* e *Fernão Mendes Pinto*, que também apresentaram as menores quantidades de registros fotográficos.

Numa outra perspectiva, os jovens apontaram as fragilidades e potencialidades que percebem na favela em que residem. Neste sentido, conforme pode ser visto na tabela 2, observa-se que muitas das imagens retratadas pelos participantes denunciam a fragilidade das ações do Estado tanto no que diz respeito à insuficiência de equipamentos públicos para

suporte às famílias em situação de vulnerabilidade social quanto à precariedade de um serviço de coleta de lixo que responda às demandas da população. Por outro lado, também foram observadas imagens que denotam as potencialidades da região, deixando transparecer dimensões de sociabilidade e lazer, como por exemplo, áreas verdes com árvores frutíferas, praças para encontros com amigos e familiares, baile funk, espaços para prática de esportes como campos de futebol, ciclo faixas e pista de skate.

Tabela 1 - Registros fotográficos, duração das entrevistas e lugares fotografados pelos participantes (n=6)

Pseudônimo do adolescente	Quant. de fotografias	Tempo de entrevista	Locais fotografados
Fernão Mendes Pinto	8	13min 25seg	Quintal da própria e igreja.
Abaita	4	08min 46seg	Própria casa; local de trabalho; viela do bairro.
Vuearana	17	42min 28seg	Academia; ruas; calçadas; praças do bairro; campo de futebol; escola.
Ajuana	19	49min 20seg	Escola; ruas; vielas; escadão; praças do bairro; caminho pra UBS; Igreja; própria casa,
Marielle Franco	18	58min 39seg	UBS; própria casa; ruas próximas; travessa do bairro.
Caiçara do Rio do Vento	19	38min 17seg	Nascente; ruas; praça; calçadas; pizzaria do bairro; Centro de Acolhida; Centro de Referência de Assistência Social.

Tabela 2 - Potencialidades e Fragilidades retratadas pelos jovens.

Adolescente	Potencialidades	Fragilidades
Marielle Franco	Espaços verdes; Atividades na UBS; Praças limpas; Solidariedade das pessoas pobres; Grafites.	Lixo urbano; Ratos no ambiente doméstico; Praças depredadas; Preconceito; Racismo; Machismo.
Vuearana	Árvores; Praças para jogar xadrez; Jardins; Campo de futebol; Possibilidade de criar memória com o lugar onde mora.	Uso do cigarro; Bitucas de cigarro nas ruas; Lixos e entulhos jogados pela calçada; Falta de cuidado com o lugar onde mora.
Abaita	Paisagem vista do quarto (céu e favela); Baile Funk.	Não relatou nenhum elemento
Ajuana	Praças revitalizadas pela comunidade; A paisagem vista do segundo andar da casa (o céu e o morro); Igreja; Trabalhos criativos na escola; Escadão pintado com trechos de poemas; Árvores frutíferas das praças; Organização e desenvolvimento da favela.	Emaranhado de fios no escadão; Escola; Lixos nas vielas; Panfletos pós eleições jogados no chão; Estrutura da favela.
Caiçara do Rio do Vento	Ciclo faixas; Pizzaria; Áreas verdes; Parques e praças para atividades de lazer e prática de esportes; Limpeza das praças;	Insuficiência de serviços públicos de suporte social (Centros de Referência de Assistência Social – CRAS e Centros de Acolhida); Falta de sinalização nas ruas; Famílias pobres; Terrenos Baldios; Insuficiência de creches; Falta de calçadas; Falta segurança para o ciclista; Poluição de nascentes e riachos; Ineficácia de um serviço de coleta de lixo para região.
Fernão Mendes Pinto	Igreja; Campo de Futebol; Paisagem vista do quintal; Trabalho.	Pessoas falando palavrão; Brigas; Música alta.

PANORÂMICA TERRITORIAL

Partimos dessa perspectiva individual para outra coletiva, ao compilar elementos territoriais percebidos pelos jovens. As características aqui apresentada, representam outros planos de análise que produziram algumas categorias que serão discutidas em blocos, fornecendo uma visão panorâmica do território ao leitor.

Desta forma, serão discutidas as seguintes categorias:

- ***A cidade dentro da favela:*** que aborda aspectos da percepção que os jovens têm da favela em que moram. Como ela surge nos discursos e nas fotografias.
- ***Primeiros registros de trabalho e renda:*** Resultou da experiência de trabalho vivenciada por três participantes.
- ***Praças: espaços de continência, encontros e práticas de atividades físicas:*** Discussão sobre como as praças podem se configurar enquanto espaços de continência, de produção de encontros, prática de atividades físicas e passível de serem transformados pela comunidade.
- ***Limpeza Urbana:*** Presença de lixo e entulho pelas calçadas, ruas e nascentes. Sistema de coleta de lixo que não responde às demandas da população local. Aspecto negativo levantado pelos jovens.

A cidade dentro da favela



Figura 1 – Fotografia de Abaita

Todos os jovens da pesquisa, com exceção de Vuearana, nomearam o espaço onde habitam de ‘Favela’. Termo também utilizado para designar o campo de pesquisa deste trabalho.

A favela, muitas vezes, é lida e interpretada apenas enquanto território que é fruto de um processo de exclusão, assim como fazem Chacel e Paulo (2013) quando destacam que a favela se constitui pela noção da ausência ou enquanto território que “não apenas é destituído de infraestrutura necessária, mas também da própria constituição subjetiva de cidadania.”. Porém, tal afirmação carrega consigo o olhar do colonizador ‘convicto’ do conhecimento necessário para afirmar qual seria a melhor infraestrutura para uma determinada região ou ao dizer que pessoas moradoras da favela são destituídas da ‘condição subjetiva de cidadania’, desconsiderando todo o modo em que as relações são produzidas dentro desses espaço, entre essas pessoas.

A favela está mais relacionada com a ideia de fronteira do que de exclusão, “os sujeitos, habitantes desse espaço fronteiriço, encontram-se a um só tempo excluídos de um território socialmente dominante, às vezes de modo perverso, mas em espaços-entre e em suas formas inovadoras de sobrevivência e sociabilidade” (TAVARES; ALBERTINI, 2005, p.299).

Considerar a cidadania desses sujeitos ou entender a complexidade da infraestrutura em que se encontram não ameniza as situações de vulnerabilidades que podem ser encontradas dentro desses territórios, pelo contrário, afinam o olhar do pesquisador para estratégias que respeitem a condição de sujeito de cada morador ou do sentimento de comunidade, que respeitem sua história e o modo em que as pessoas constroem sua existência nesta sociedade muitas vezes excludente e marcada por desigualdade social.

Morar na favela torna-se uma solução para as famílias que não conseguem pagar por aluguéis nas regiões centrais ou em bairros com valor imobiliário acima de sua situação financeira (LEEDS, 2018). Pasternak e Ottaviano (2016, p.78) em sua análise dos dados sobre as favelas no censo de 2010, afirmam que os principais motivos que alimentam o crescimento sistemático das favelas seriam a crise econômica, os preços dos aluguéis e a baixa oferta de moradias populares para as pessoas de baixa renda, sendo a favela outra forma de ocupar o espaço urbano. Os autores corroboram com os comentários de Leeds reforçando a ideia de que a favela surge e se mantém enquanto produto da crise urbana. “A estrutura salarial é questão de diretriz e política pública nacional, somente limitadamente ligada ao nível de qualificação profissional da mão de obra em geral.” (LEEDS, 2018 p.835).

Leeds (2018), reconhecido pelo seu trabalho nas favelas cariocas, ao criticar o modo em que algumas pesquisas são conduzidas nesses espaços, alerta sobre o equívoco comum de situar a favela enquanto problema social, afirma que tal sentença é enganosa e arbitrária. O autor adverte sobre a utilização do termo pejorativo ‘favelado’ utilizado por uma sociedade elitista e também por alguns cientista sociais, afirma que são “categorias ideológicas e muito enganadoras, por que indicam um estado de ser e não uma condição mais ou menos temporária de vida, resultante de causas exteriores.” (LEEDS, 2018 p.835)

A favela é espaço comunitário, compartilhado por diversas famílias, onde também existe a criação de parcerias e senso de coletividade. Marielle Franco percebe a colaboração mútua entre os vizinhos, fala que a favela é um lugar onde as pessoas se ajudam ao compartilhar sentimentos de carência e pobreza, onde os grafites e pixações surgem enquanto elementos que promovem identidade, que embelezam o espaço. Já Ajuana, fotografou as praças revitalizadas por artistas anônimos da comunidade e Vuarana registrou o campo de futebol que foi sendo modificado ao longo do tempo, tal transformação foi resultado da

articulação da própria comunidade da favela. Ou até mesmo quando Abaita frequenta o Baile Funk, que também é produto da mobilização social local. As jovens contrariam o senso comum de que a favela é lugar sem ordem, as jovens demonstraram um complexo sentimento de comunidade que se traduz na transformação dos espaços compartilhados, com o objetivo de potencializar as possibilidades de uso daquele espaço.

Apesar de serem colocadas numa mesma categoria, cada favela apresenta suas particularidades e reage à estrutura social e ambiental do lugar. Ou seja, qualquer generalização destes espaços restringe as possibilidades de olhar aspectos únicos que surgem em cada território, o que pode ser percebido quando a jovem Ajuana pontua a heterogeneidade das favelas que conhece, cada uma apresenta características próprias, que respondem à arquitetura do lugar e ao modo de vida das pessoas que ali moram. Ao falar sobre sua favela, comenta que se orgulha da organização local, representada no modo em que a própria comunidade se organiza para interagir e modificar o próprio espaço, seja amenizando a sujeira causada pela concentração de lixo, seja pela revitalização da praça e do campo de futebol.

Apesar de a organização local ser um fator positivo evidenciado pela jovem, a mesma também pontua que a precariedade da arquitetura das casas e a falta de um sistema urbano de limpeza são obstáculos importantes que dificultam o desenvolvimento social, elementos que precisam de melhor atenção do governo.

“Ajuana: Sempre morei aqui, mas já fui em outras (favelas) e eram muito mais desorganizadas, tinham muito mais lixo enfim, eu acho lá bastante organizado, comparando a outras, é bem mais organizado e eu gosto disso, gosto do morro que tenho, gosto de muitas coisas. E o que eu não gosto, é dessa parte da estrutura, o lixo, os fios aqui que nossa, incomoda demais, cada dia tem um fio a mais caindo, enfim, isso incomoda muito, acho que é mais mesmo a questão do lixo.”

Os aspectos negativos pontuados por Ajuana estão relacionados à arquitetura precária ligada ao modo como as casas foram sendo construídas, sem planejamento urbano. A fala da jovem mostra as metamorfoses do lugar, onde nunca se mantém o mesmo, mostra-se enquanto território orgânico de constante transformação, comenta também que sempre residiu naquela favela, e destaca a oportunidade que tem de acompanhar seu desenvolvimento, compara o presente que, mesmo precário, é melhor do que o passado.

“Ajuana: É que assim, comparando com outras... não outros bairros, mas com outras favelas que eu fui, é... Acho que é mais a questão da organização mesmo. (...) quando era pequena esse morro que tem aqui ele

era tudo de barro, é... e agora tem mato tipo, evoluiu muito, eu cresci e vi essa evolução, é muito bom ver isso. E tem outros lugares que parecem o mesmo sabe? Que continua a mesma coisa, eu acho que a gente lá, na Sapolandia, ela cresceu bastante, eu gosto muito disso, tem o estacionamento, onde tem vários carros, eu acho isso muito bacana, eu gosto muito. Acho que eu multiplicaria essa parte da organização, do avanço.”

A favela está sempre em transformação e quando não tem mais por onde se espalhar, cresce de modo vertical, já que, pela proximidade das casas, a verticalidade é o único sentido de expandir as casas. Por isso alta densidade domiciliar e demográfica nas favelas se justifica pela verticalização das casas, o que faz com aumente a concentração de pessoas dentro de uma mesma residência.

As imagens produzidas pelos jovens e seus relatos revelam que sua percepção mostra-se atenta às transformações do território em que habitam. Nos mostra o espaço orgânico que é a favela, onde tem sempre alguma família expandindo seu espaço de moradia, a favela cresce em direção ao céu.

Primeiros registros de trabalho e renda

Conforme abordado anteriormente, o trabalho é uma realidade vivida por três dos jovens participantes dessa pesquisa. Fernão Mendes Pinto trabalha auxiliando um vizinho na confecção de móveis, cuja frequência responde às demandas que surgem, ou seja, irregular. Já Abaita trabalha, quando há demanda, como babá de uma criança de uma família da Barra Funda, região central da cidade de São Paulo. O trabalho de babá também é fonte de renda de Caiçara do Rio do Vento, que cuida de uma criança, na mesma viela em que mora.

Os trabalhos informais realizados pelos jovens da pesquisa não possibilitam algum tipo de profissionalização nem desenvolvem habilidades para empregos futuros no mercado formal de trabalho, configuram-se enquanto pequenos serviços prestados à colegas da família ou vizinhos em troca de dinheiro que possa subsidiar algum tipo de gasto pessoal em suas vidas, ou seja, a centralidade do sentido da atividade remunerada encontra-se na renda que ela produz, muito mais do que na atividade em si, na sua capacidade de formação, ascensão social ou na realização pessoal.

Dayrell (2002) destaca a importância de compreender o sentido do trabalho informal para além do contexto de pobreza em que os jovens se encontram, pois tal atividade amplia a autonomia e liberdade em relação à dependência financeira que tem com suas famílias, possibilitando o “consumo de bens e pela garantia de um mínimo de lazer, enfim, é o trabalho

que possibilita a vivência da própria condição juvenil” (DAYRELL, 2002, p.122). O autor alerta para o fato de que nenhum dos jovens em sua pesquisa conseguiu qualificação para alguma profissão formal, ou seja, o empreendimento em trabalhos informais pouco se traduz enquanto trampolim para o mercado formal de trabalho, pelo contrário, caso não estejam associados à alguma intenção profissionalizante ou enquanto etapa temporária de um projeto de vida, tende a perpetuar as condições precárias em que esses jovens vivem, sendo pouco efetivo para a alteração de sua situação de pobreza ou possibilidades de ascensão social.

As demais jovens não relataram vivências semelhantes, não possuem trabalhos informais. Porém, a maioria dos jovens, com exceção de Abaita, pensa no curso superior, que de algum modo, é um horizonte para o mundo do trabalho.

Sobrosa e colaboradores (2014) abordaram as perspectivas de futuro profissional entre os adolescentes de classes socioeconômicas desfavorecidas de uma escola brasileira de Ensino Médio. Os resultados mostraram que a maioria dos jovens pensam sobre seu futuro profissional, mas se sentem desanimados diante de um mercado de trabalho que julgam como difícil e competitivo. No entanto, se por um lado os aspectos relativos à dificuldade e competição no mercado de trabalho é uma realidade que é intensificada pela precariedade do ensino público e escassez de oportunidades dadas ao adolescente da periferia, por outro é uma realidade que se interpõe na vida de grande parte das famílias.

Marielle Franco expressou seus sonhos em duas fotografias, mencionando o desejo de um dia morar num apartamento, cujo prédio pode ser visto da janela do quarto, ter um portão na entrada de sua casa, desejando mais proteção e segurança, e de seu interesse em cursar Biologia. *Vuerana* mencionou o desejo de cursar Terapia Ocupacional ou psicologia. Já *Ajuana*, embora não tenha retratado imagens diretamente associadas a algum desejo ou perspectiva pessoal mencionou, ao longo da entrevista, relata que gostou da experiência com a câmera fotográfica e que gostaria de fazer algum curso relacionados à fotografia ou à imagens, como design gráfico. *Fernão Mendes Pinto* também não retratou nenhuma imagem que a associasse com algum sonho, desejo ou perspectiva, mas durante a entrevista comentou rapidamente sobre seu desejo de fazer alguma faculdade, trabalhar e aposentar. Assim como os demais, *Abaita* também não registrou nenhuma imagem relacionada a suas perspectivas futuras, mas durante a entrevista contou que saiu de uma cidade do interior da Bahia para morar com as tias em São Paulo em busca de melhores oportunidades, porém sequer conseguiu terminar o Ensino Médio. Por fim, *Caiçara do Rio do Vento*, fala pontual e brevemente sobre o desejo de cursar Sociologia.

Praças: espaços de continência, encontros e práticas de atividades físicas.

As praças e áreas verdes urbanas surgem enquanto espaços de circulação, lugar para serem praticados e ocupados de múltiplas formas: piquenique, atividades físicas, de lazer, como aponta Caiçara do Rio do Vento que por sua vez avalia que a presença de árvores nas praças é capaz de embelezar o ambiente, contrastando com o restante da cidade de São Paulo, sempre cercada por grandes arranhásseis. Já Marielle nos diz que a presença de árvores torna esses espaços mais acolhedores e continentos, possibilitando refúgio aos problemas pessoais e sociais que enfrenta em seu dia-a-dia.



Figura 2 - Fotografia de Caiçara do Rio do Vento

A manutenção das áreas verdes urbanas se justifica pelo seu potencial de influenciar positivamente a qualidade de vida da população, trazendo diversos benefícios para seus frequentadores. Bargo (2010) destaca a importância dos espaços verdes saudáveis para o controle da poluição do ar trazendo um impacto positivo na proteção ambiental da cidade, além dos efeitos diretos sobre a saúde mental e física da população. Além de pontuar a diversidade de benefícios e efeitos que praças e espaços verdes trazem para a cidade, Bargo (2010) estrutura funções importantes para esses espaços.

Os olhares das jovens conseguem destacar este importante espaço no cenário urbano, que faz parte da construção de seu próprio cotidiano e que, por sua vez, faz oposição à poluição ambiental também encontrada na cidade e no bairro onde moram. Embora sejam escassos os estudos que traçam um perfil de frequentadores das praças, para Xavier, Felipe e Arana (2018) estes espaços “fornecem locais propícios para que as pessoas caminhem ou corram, muitas vezes possuem instalações específicas para esportes, exercícios e outras atividades vigorosas, oferecendo a oportunidade de incluir atividades físicas nos momentos de lazer de forma gratuita” (XAVIER; FELIPE; ARANA, 2018, p.84).

É nesse contexto que a praça ganha diferentes sentidos na vida desses jovens e influenciam diretamente o olhar afetivo que tem sobre seu próprio território. Para Marielle e Caiçara as praças ganham outros contornos, surgem em suas narrativas enquanto espaços de encontros de reflexões pessoais. Já para Ajuana e Vuarana, o mesmo lugar aparece como dispositivo de importante valor para a comunidade. Ao mesmo tempo em que Ajuana coloca a ausência do Estado na manutenção de uma praça pontua a existência de pessoas criativas e dispostas a transformar o espaço outrora esquecido, em um ambiente que promove encontros, onde novas relações podem surgir.

As praças e espaços verdes surgiram nas narrativas visuais dos jovens dando uma visão panorâmica sobre a importância que estes espaços tem para a comunidade, proporcionam encontros, diálogos, atividades físicas, lazer, convívio, etc. Entretanto, a ação da comunidade na revitalização desses espaços é resultado da ausência do Estado, a população enxerga a importância social para aquele lugar, articula saberes e criatividade para a manutenção do mesmo, tornando-o mais atrativo.

Limpeza urbana

Marielle Franco fotografa alguns sacos de lixo junto á parede (FIGURA 1), porém o discurso que se apresenta não tem a intenção de falar da concretude daqueles sacos de lixo amontoados, existe outro texto por trás, cujo conteúdo revela seu incômodo com o fato de observar o lixo que é depositado sem cuidado pelas ruas e praças. Ou seja, a escolha fotográfica foi intencional e estratégica para representar algo que vai além dos elementos vistos na fotografia. Fala sobre o costume da população local de depositar os resíduos domésticos e entulhos numa praça próxima, deixando-a mais poluída e dificultando seu acesso. Porém existe a hipótese, percebida durante as entrevistas dos demais participantes, de que esse comportamento social é resultado da ineficácia de um serviço de limpeza urbana que

dificulta o acesso para a coleta em alguns pontos do bairro, fazendo com que a população crie o hábito de concentrar o lixo em lugares específicos, neste caso frente à praça. Marielle reconhece que a presença de ratos em sua moradia também se dá pelo acúmulo de lixo nas redondezas.



Figura 3 - Fotografia de Marielle Franco

Caiçara do Rio do Vento, em suas narrativas visual e oral, afirma que é de responsabilidade do Estado organizar uma rede de coleta de lixo eficaz que responda as necessidades da população, o que não anula os deveres e responsabilidades da comunidade em relação ao lixo que produzem e lugares que descartam, tais aspectos também foram evidenciados em suas fotografias. A presença do lixo não é resultado da pobreza das famílias que ali vivem, e sim um produto de uma série de fatores relacionados ao comportamento social da população e à fragilidade de uma rede de coleta de lixo eficiente.

Assim como Marielle e Caiçara, Ajuana também fotografou o excesso de lixos deixados nas vielas, reforça que é um aspecto a ser melhorado no espaço onde mora e também pontua a fragilidade do sistema de coleta de lixo e de limpeza urbana. Em contra partida, Ajuana procura valorizar a organização comunitária para lidar com o problema em questão.



Figura 4 - Fotografia de Ajuana

“Ajuana : Essa parte aqui são onde as pessoas colocam o lixo pro caminhão pegar, ai sempre no dia seguinte ficam esses restos de lixo sabe? E fede muito. Quando, de manhã, quando tenho que subir pra escola e passo pelo escadão, fica um amontoado de lixos por aqui, tenho que passar por um ‘espacinho’ pequeno e fedido, é horrível, mas tem uma coisa muito legal, que tem gente que mora perto desse escadão e elas estão sempre, sempre não, às vezes, elas varrem ali. Tipo, se não fossem por elas aquele lugar estaria podre.”

Como discutido anteriormente, a praça dialoga diretamente com o universo juvenil, desperta curiosidade e vontade de permanecer. Essa linguagem estimula prática de encontros saudáveis nos espaços comunitários e sociais, ao contrário do que é percebido em praças esquecidas, mal iluminadas e depredadas, que se transformam em pontos viciados de depósito de lixo, lugar de venda e abuso de drogas onde não possibilitam trocas saudáveis, pelo contrário, contribuem para o aumento da exposição à situações de riscos aos jovens que ali frequentam. Cabe ressaltar que a revitalização e transformação das praças compõe uma série de estratégias que promovem relações saudáveis e de trocas das juventudes com o espaço urbano.

Em contraposição às praças e espaços verdes, as fotografias de Caiçara do Rio do Vento também alertam para a fragilidade da estrutura da rede de esgoto local, muitas vezes despejadas nas nascentes e riachos locais (FIGURA 1), revelando a necessidade de uma

política de saneamento básico para a região. A jovem pede por maior atenção do governo em relação à limpeza e despoluição dos riachos da região.



Figura 3 – Fotografia de Caiçara do Rio do Vento

Temas como proteção ambiental têm sido amplamente discutidos ao redor de todo mundo, um assunto importante e necessário para o desenvolvimento sustentável e harmônico da cidade. As favelas, muitas vezes, apresentam aspectos precários de saneamento básico, segundo Kehl (2010), em 1991 a cobertura da rede de esgoto para essas regiões, na cidade de São Paulo, era de 25%, configurando-se enquanto aspecto importante nas discussões sobre saúde coletiva e proteção ambiental, porém tal fator se transforma numa justificativa social que, acrescida de outras, “legítima” a remoção das favelas.

Souza (2015) ao discutir o tema, adverte para a existência intencional e formal do despejo de esgoto doméstico e muitas vezes industrial, nos rios da cidade, mas existe outro peso, outra medida quando o território em discussão é o da favela, tais questões são acidamente colocadas como sinônimas de insegurança e agressão ao meio ambiente. Nem precisamos ir muito longe para fazer tal conexão, existe um bairro (Keralux) situado próximo da região pesquisada, também caracterizado enquanto espaço de vulnerabilidade social, cujo solo foi amplamente contaminado por uma indústria de cosméticos que existia no local, ação

que prejudicou praticamente toda a produção agrícola da região, influenciando diretamente nas condições de saúde da população. Ou seja, é assimétrica a forma em que a sociedade avalia os riscos de proteção ambiental, não existe neutralidade neste aspecto.

Mais uma vez, os jovens mostraram-se atentos aos aspectos vulneráveis que percebem em seu próprio território.

Como já foi mencionado, a favela, desde seu início, é vista como lugar marginalizado, moradia da pobreza, violência e da falta de recursos. É a partir da precariedade urbana e descaso do poder público que surgiram as imagens que fazem da favela o lugar da carência, da falta, do vazio a ser preenchido pelos sentimentos humanitários, do perigo a ser erradicado pelas estratégias políticas que fazem do favelado um bode expiatório dos problemas da cidade (ZALUAR; ALVITO, p. 7-8).

Ao discutir sobre as relações construídas com os espaços, estamos falando sobre como os adolescentes são afetados por eles, como se identificam, ou não, com os elementos presentes em seu bairro. É assim que uma praça não se limita apenas nas estruturas feitas de concreto, nos bancos, parquinhos e árvores. Existe um uso significativo do espaço, onde os frequentadores preenchem o lugar com suas atividades físicas, de lazer, convívio, etc. são esses aspectos que os adolescentes levantaram ao falarem sobre as imagens registradas desses ambientes. É a praça que tem uma pista de skate, uma grama macia para que as pessoas realizem seus piqueniques, quadra de esportes, mesas e cadeiras onde os idosos possam jogar baralho e dominó, pistas de skate, árvores frutíferas, etc.

Ao apontar aspectos que chamam sua atenção, os jovens nos mostram os motivos que os fazem circular por esses espaços, revelam dimensões de pertencimento relacionadas à atividades de convívio e lazer, lugar onde podem encontrar com amigos.

A fotografia permite a expressão do olhar do sujeito sobre questões que entram em seu campo de visão e que, de alguma forma, repercutem em sua vida. Bueno e colaboradores, (2017), utilizaram a fotografia como veículo para conhecer a construção da vida social de adolescentes de comunidades litorâneas. As análises das imagens registradas revelaram diferentes formas de composição das redes sociais dos participantes, bem como os espaços comunitários em que transitam. Em consonância com os autores acima referidos, as fotografias registradas pelos adolescentes do presente estudo, também evidenciaram a interação destes nos espaços físicos, sugerindo uma dimensão de pertencimento, convívio, lazer e trabalho.

CONCLUSÃO

As câmeras fotográficas foram instrumentos que permitiram a exploração do olhar juvenil sobre o próprio território, um elemento versátil e instigante que motivou a maioria dos jovens, revelando seu importante impacto enquanto recurso metodológico inovador em pesquisa qualitativa.

Situações de risco e vulnerabilidade podem ser melhores analisadas ao conhecer os objetos e lugares que alicerçam as experiências dos adolescentes com o território, a fim de favorecer a construção de ações estratégicas voltadas para amenizar as situações de risco e vulnerabilidades, potencializando o olhar e intervenção dos serviços públicos de saúde, educação, cultura e assistência social.

O presente estudo evidenciou ainda como o olhar sensível dos adolescentes foi capaz de mapear, pela produção de imagens fotográficas, diferentes e complexos aspectos presentes no território em que habitam. As políticas públicas voltadas para a juventude da periferia precisam dialogar com o cotidiano desses jovens e, por meio de iniciativas criativas e inovadoras, explorar a potência do espaço habitado na favela como os que foram apontados pelos participantes da pesquisa.

A presente pesquisa reforça a urgência em reconhecer a potência de vida que também circula pela favela, sem desconsiderar ou subestimar os fatores de risco social, vulnerabilidade, pobreza e violência que também transitam, mas é na potência que as possibilidades de transformação se encontram.

O Protagonismo Juvenil foi ferramenta chave para a compreensão das singularidades do território. É assim que a voz dos olhares da juventude de uma favela de Ermelino Matarazzo ecoa pelas fotografias, no formato de protestos, ideais e opiniões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, C.C.A. Letramento Visual: Trabalhando a fotografia documental no ambiente escolar – Dissertação (mestrado profissional em letras), Universidade Federal de Sergipe, Itabaina – SE, 2015.

BARDIN, L. L'Analyse de contenu. France, Editora: Presses Universitaires de France, 1977.

BARGO, D. C. Mapeamento e Análise das Áreas Verdes Urbanas como Indicador de Qualidade Ambiental Urbana: estudo de caso de Paulínia-SP. Dissertação de mestrado, Campinas-SP, Fev. 2010.

- BUENO, L. D.; JUNIOR, P. S. S.; CANUTO, L. T.; OLIVEIRA, A. A. S. O., Iconografia na investigação e intervenção de processos psicossociais. *Revista de Psicologia*, 8(1): 99-108, 2017.
- DAYRELL, J. O rap e o Funk na socialização da juventude. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 28, n.1, p.117-136, jan/jun 2002
- FLUSSER, V. *Filosofia da Caixa Preta: Ensaio para uma futura filosofia da fotografia*. 1ªed, São Paulo: Editora Annablume, 2011, 101p.
- GUATARRI, F. ROLNIK, S. *Micropolíticas: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- KEHL, L. *Breve Histórico das Favelas*. São Paulo: Editora Claridade, 2010
- LEEDS, A. Quanto vale uma favela. *Antropol*, Rio de Janeiro, v.08, n.03, p. 831-848, set – dez, 2018.
- LOPES, R.E; MALFITANO, A.P.S. Ação social e intersetorialidade: relato de uma experiência na interface entre saúde, educação e cultura. *Revista Interface* 10 (20): 505-515, Dec. 2006.
- PASTERNAK, S.; OTTAVIANO, C.. Favelas no Brasil e em São Paulo: Avanços nas análises a partir da Leitura Territorial do Censo de 2010. *Cad. Metrop.*, São Paulo, v.18, n.35, p. 75-99, abr 2016.
- SILVA, L.N; KOLLER, S.H. O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia. *Estudos de Psicologia*, v. 7, no 2. 2002.
- SOBROSA, G.M.R; SANTOS, A.S; OLIVEIRA, C.T.; DIAS, A.C.G. Perspectivas de Futuro Profissional para Jovens Provenientes de Classes Socioeconômicas Desfavorecidas. *Temas em Psicologia*, Vol. 22 nº1, 2014.
- SOUZA, M. L.. Proteção Ambiental pra quem? A instrumentalização da ecologia contra o direito à moradia Mercator, *fortaleza*, v.14, n.4, numero especial, p.25-44, dez. 2015
- TAVARES, S. M. G.; ALBERTINI, P.. Moradia e corporeidade em espaços liminares: um estudo sobre formas de subjetividade na favela Paidéia, v.15,n.31, p. 299-308, 2005.
- VALLADARES, L.P. *A invenção da favela: do mito de origem a favela.com*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- XAVIER, F. B.; FELIPE, J.; ARANA, A. R. O parque verde urbano: características do uso através de observação sistemática. *Urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana*, 2018, 10 (supl.1), 82-95.
- ZALUAR, A; ALVITO, M. *Um Século de Favela*. 5ª ed; Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

Artigo 2: Juventudes em foco: Fotografia enquanto recurso metodológico, uma revisão integrativa

João Gabriel Trajano Dantas

Carolina Macedo

Denise De Micheli

Resumo: Pesquisas que envolvem o público juvenil e seu cotidiano mostram-se cada vez mais importantes no cenário atual. Considerando as particularidades que as juventudes assumem torna-se necessário o empreendimento de metodologias inovadoras que potencializem os estudos com este público. É neste momento que a fotografia entra em cena enquanto recurso metodológico que possui alta inserção no tecido social, além de evocar múltiplas possibilidades de análise. Preocupado com estes tensionamentos, este artigo configura-se enquanto revisão integrativa que busca investigar a utilização da fotografia como ferramenta de pesquisa com adolescentes. A discussão convergiu em direção à validação do recurso fotográfico e das imagens enquanto ferramentas metodológicas que promovem maior engajamento dos jovens na pesquisa, aprofunda a exploração de temas relacionados ao território em que vivem, ao cotidiano dos jovens e suas relações interpessoais. Sendo assim, a fotografia revelou-se um importante e inovador instrumento de pesquisa que precisa ser melhor explorado e utilizado e analisado.

Palavras chave: Adolescente, Fotografia, Revisão Integrativa.

INTRODUÇÃO:

As juventudes assumem uma diversidade de corpos que mantêm um diálogo constante com os contextos em que se inserem, respondem diretamente às vicissitudes do tempo, espaço, cultura, classe social, raça, orientação sexual dentre outros aspetos que tangenciam e modificam as experiências que os jovens podem passar. O olhar para a juventude se dá no plural, pois a diversidade é uma característica imanente. Sua construção reage à realidade na qual se inscreve e se desenvolve, quando um jovem se muda de lugar, sua juventude também é deslocada, submete-se a outras relações.

O mundo contemporâneo, globalizado, é mais aberto do que nunca, mas as competências (e a autonomia) adquiridas numa parte do planeta não servem necessariamente para o lugar no qual, por exemplo, o indivíduo migrante decide escolher para viver (caso consiga migrar) (CARDOSO, 2014, p. 17).

É dentro da contemporaneidade que as juventudes nascem e se desenvolvem, ou seja, são afetadas pelos os avanços humanitários e tecnológicos da sociedade, principalmente no que se refere à ampliação das novas formas de comunicação vindas com a revolução eletrônica e internet (CAIROLI; GAUGER, 2009), porém também respondem de maneira peculiar às crises social e econômica geradas pela urbanização e desigualdade social, desta forma, podem configurar-se enquanto segmento populacional que apresenta uma percepção particular, diferente da do mundo adulto, sobre temas e discursos que atravessam a atualidade.

Os estudos que focam em discussões sobre as juventudes, devem escolher seu desenho metodológico de forma criteriosa, pois uma metodologia favorável é aquela que consegue capturar e se relacionar o discurso que circula no público alvo. Recursos metodológicos inovadores mostram-se cada vez mais necessários no campo de pesquisa.

É neste contexto que a fotografia surge no cenário da pesquisa. Fotografias fazem parte do cotidiano da maior parte dos jovens, sejam expostas nas redes sociais, no formato de memórias, divulgação, etc., ou impressas e guardadas em álbuns fotográficos.

Desde os primórdios da sociedade, as pessoas sentem a necessidade de registrar aspectos da vida diária, usando técnicas diversas que funcionam como mediadoras, que facilitam a exploração do olhar sobre o cotidiano e sobre as diversas relações que perpassam a construção do dia a dia da vida das pessoas. A escrita nasce com a necessidade de um registro que armazene um conteúdo ao longo de um tempo, que possibilite a comunicação entre presente, passado e futuro “A escrita se funda sobre a nova capacidade de codificar planos em retas e abstrair todas as dimensões, com exceção de uma: a da conceituação, que permite codificar textos e decifrá-los” (FLUSSER, V. 2011, p.18)

Para Flusser (2011) a fotografia nasce a partir de imagens e apresenta a capacidade que falta na escrita, que seria a conceituação de cenas.

Em contraposição ao surgimento da escrita, as pinturas rupestres são consideradas como uma das primeiras técnicas artísticas e de registro, sendo produzidas há cerca de 32 mil anos atrás. Impressas nas paredes das cavernas, revelam o cotidiano das pessoas da época, antecede o surgimento da escrita e se estabelece como mediadora possível para eternizar memórias e o sistema de crenças daquele tempo. As pinturas rupestres mostram o contorno de animais, pessoas e utensílios representando hábitos diários e rotineiros tais como dança e luta e das relações interpessoais vigentes no momento e até mesmo enquanto comunicação com o sagrado.

A título de registro, a fotografia surgiu no século XIX, resultado das evoluções óticas e das revoluções sociais que levantavam consigo, um novo sistema político e econômico, o capitalismo. “As fotografias foram inventadas, no século XIX, a fim de remagicizarem os textos (embora seus inventores não tenham dado conta disso). A invenção das imagens técnicas é comparável, pois, quanto à sua importância histórica, à invenção da escrita.” (FLUSSER, V. 2011, p. 27-28)

Com sua extensa capacidade de registrar aspectos do cotidiano, a fotografia explora a relação entre luz e sombra de ambientes diversos, imprimindo no papel uma visão de mundo revelada pelo fotógrafo. “Todo e qualquer gesto do dia-a-dia, por mais comum e repetitivo, ganharia nova aura, através da fotografia. Não era só ver a realidade, mas percebê-la, alcançá-la, tocá-la” (CÂMARA, M. 2008, p.26)

A primeira fotografia mostrava a visão de um conjunto de casas em paralelo à linha do horizonte, foi impressa por Nicéphore Niépce em 1826 (verificar data) (CÂMARA, M. 2008, p.26). Câmara (2008) coloca que os primeiros aparelhos fotográficos, as câmaras escuras, ou quartos escuros, pouco revelavam algum primor artístico ou técnico, tendo em vista a realidade tecnológica da época.

Foi somente no século XVII, com o avanço da ciência e tecnologia, que as dimensões dos instrumentos fotográficos foram reduzidas, tornando-os mais portáteis, facilitando sua locomoção e ampliando sua funcionalidade no registro de imagens. Em sua origem, a fotografia foi assumindo um caráter mágico e de fantasia, pois localizava-se enquanto intensa novidade, marcada por tecnologia e ciência, assim como demonstra observações feitas pelo fotógrafo Dauthendey, citada na obra de Benjamin:

As pessoas não ousavam a princípio olhar por muito tempo as primeiras imagens produzidas. A nitidez dessas fisionomias assustava, e tinha-se a impressão de que os pequenos rostos humanos que apareciam na imagem eram capazes de ver-nos, tão

surpreendente era para todos a nitidez insólita dos primeiros daguerreótipos
(BENJAMIN, W. 1985, p.95)

As câmeras fotográficas acompanham o desenvolvimento tecnológico da humanidade. Atualmente, existe uma variedade desses instrumentos fotográficos, com diferentes funções e técnicas. O caráter de portabilidade foi sendo cada vez mais incrementado, estando acoplados em praticamente todos os celulares, que hoje, apresentam a função extra de tirar fotografias, cuja qualidade das imagens geradas vai depender das características de cada aparelho. (CÂMARA, M. 2008)

Diversas são as possibilidades técnicas de manipulação desses aparelhos, por mais simples que pareçam. Independente destas, o olhar do fotógrafo é praticamente infinito apresentando uma infinidade de funções, é limitado apenas por sua imaginação e pelos limites fornecidos pelos aparelhos. Quanto mais complexo for o aparelho e mais funções apresentar, maiores serão as possibilidades de manuseio para expressão do olhar do fotógrafo, porém também exigirá um esforço maior para que o mesmo consiga dominar as técnicas que o aparelho exige. É dessa forma que a fotografia emerge enquanto modalidade linguística complexa, apresentando uma infinidade de técnicas e possibilidades de linguagem, a depender do conteúdo a que se quer expressar. Sua linguagem artística permite a comunicação da expressão tanto de quem tira as fotografias quando de quem as contempla.

A fotografia surge no campo de pesquisa como um recurso metodológico importante, que precisa ser mais bem explorada a fim de apreender suas potencialidades e fragilidades. A proposta deste trabalho encontra-se justamente neste ponto, investigar a utilização da fotografia como ferramenta de pesquisa com adolescentes. Será este um recurso capaz de proporcionar maior vinculação do jovem com a pesquisa? Quais as possibilidades para a utilização de registros fotográficos enquanto ferramenta de coleta de dados? É eficaz na discussão de aspectos sociais referentes à realidade em que os jovens se encontram?

METODOLOGIA

A Prática Baseada em Evidências (PBE) tem sido cada vez mais valorizada tanto no meio acadêmico quanto profissional. É uma abordagem que objetiva a solução de um problema por meio de uma tomada de decisão, resultado de uma busca criteriosa da melhor evidência (MENDES, et.al., 2008, p.759).

A PBE fortalece as práticas de saúde e educação, resgata situações e experiências vivenciadas no cotidiano dos trabalhos e as sustentam numa discussão fortalecida por

reflexões teórico-práticas, fazendo com que o profissional adquira maior autonomia para lidar com os resultados esperados de suas próprias intervenções, tirando-o do automatismo alienante e colocando-o numa postura com pensamento crítico. Proporciona práticas cada vez mais adequadas às realidades dos territórios auxiliando na tomada de decisão, seja ela clínica ou institucional.

É neste contexto que a Revisão Integrativa entra como um instrumento da PBE, uma metodologia criteriosa que ajuda na seleção de melhores evidências sobre determinado assunto. É uma metodologia bastante útil para os profissionais de saúde e educação, pois auxilia na escolha de uma possível intervenção e amplia diversos olhares que tangem uma mesma temática. Sendo assim, a Revisão Integrativa:

É a mais ampla abordagem metodológica referente às revisões, permitindo a inclusão de estudos experimentais e não-experimentais para uma compreensão completa do fenômeno analisado. Combina também, dados da literatura teórica e empírica, além de incorporar um vasto leque de propósitos: definição de conceitos, revisão de teorias e evidências e análise de problemas metodológicos de um tópico particular (SOUZA, 2010, p.103)

Este estudo apresenta-se como uma revisão integrativa da literatura que busca ampliar a discussão sobre a utilização da fotografia como procedimento de pesquisa junto à adolescentes. Para tal, utilizou-se os descritores “Fotografia e Adolescentes”, ambos indexados nos Descritores em Saúde, que foram combinados nas buscas nas bases de dados Lilacs e Scielo.

Este estudo adotou os seguintes critérios de inclusão: a) artigos indexados nas bases de dados Scielo e Lilacs; b) estudos que utilizaram a fotografia enquanto recurso metodológico de pesquisa (total ou parcial) e/ou que tratavam-se de discussão sobre a utilização de fotografias com o público adolescente idades entre doze (12) a dezoito (18) anos; (BRASIL, 2015); c) estudos publicados em inglês e/ou português no período de 2007 a 2017. Foram excluídos os artigos com o público infantil e/ou que não se encontravam disponíveis na íntegra.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na base de dados Scielo foram encontrados oito (8) artigos, porém três (3) deles estavam duplicados e após leitura dos resumos três (3) foram descartados por não cumprirem os critérios de inclusão, resultando na inclusão de dois (2) artigos.

Na base de dado Lilacs, após colocar os marcadores relacionados aos critérios de inclusão, foram encontrados 53 artigos cuja maioria eram de áreas das especialidades médicas que utilizavam, de alguma forma, a fotografia como procedimento analítico de alguma técnica específica, seja de correção postural, fluorescência de células, etc. Após a leitura dos resumos, onze (11) artigos foram selecionados para leitura criteriosa e destes, apenas sete (7) cumpriram os critérios de inclusão propostos, tendo sido descartados: um (1) artigo que já havia sido encontrado na base de dados da Scielo, um (1) que não se encontrava disponível na íntegra, um (1) que não utilizava a produção fotográfica como recurso metodológico e outros dois (2) que tinham crianças como sujeitos do estudo. Dessa forma, os resultados das buscas geraram nove (9) artigos que foram lidos integralmente e analisados em profundidade conforme o conteúdo apresentando na TABELA 1.

É imerso nas possibilidades de descobrir e explorar o que acontece ao seu redor que os jovens encontram na fotografia um importante mediador da interação com o que é externo, sejam nos espaços em que circulam ou nas relações em constante construção. Configura-se enquanto ferramenta híbrida, na qual se percebe sua utilização nos mais variados campos e saberes tais como a Semiótica, Antropologia, Psicologia, Saúde Coletiva, Sociologia, História, Geografia, Linguística, Psicanálise, Arte, entre outras, que exploram as dimensões poéticas, estéticas e éticas das imagens (GOMES; DIMENSTEIN, 2014; BORGES; COUTINHO, 2010).

Tabela 1 - Artigos encontrados segundo Nome, Autores, Objetivo – Metodologias, Resultados – Discussão, Banco de Dados e Ano de Publicação

Nome do artigo	Autores	Objetivo-método	Resultado e Discussão	Banco de dados	Ano de publicação
Exploring Mexican Adolescent's perceptions of environmental health risks, a photographic approach to risk analysis	Susanne Borner; Juan Maria Nieto Caraveo; Ana Cristina Cubillas Tejeda	Estudo misto que buscou analisar a percepção dos adolescentes mexicanos em relação aos riscos na saúde ambiental e testar a técnica da fotografia ambiental na comunidade.	Fotografia enquanto mediadora da percepção de risco de saúde.	Scielo	015
Imagens e concepções de adolescentes moradores de zonas rurais sobre saúde	Anny Giselly Milhome da Costa; Neiva Francenely Cunha Vieira; Fabiane do Amaral Gubert; Adriana Gomes	Estudo qualitativo, pesquisa participativa baseada na comunidade. Método: 'fotovoz'. Objetivo de Descrever as	Estudo evidenciou o fotovoz como estratégia positiva de educação em saúde com importante impacto para mudança	Scielo	013

	Nogueira Ferreira; Ligia Fernandes Scopacasa; Patrícia Neyvad daCosta Pinheiro	concepções de adolescentes moradores de zonas rurais sobre saúde por meio da fotografia.	social, podendo ser utilizadas por profissionais de saúde.		
Iconografia na investigação e intervenção de processos psicossociais	Luciano Domingues Bueno; Paulo Sérgio dos Santos Júnior; Lívia Teixeira Canuto; Adélia Augusta Souto de Oliveira	Pesquisa qualitativa que discute a iconografia como instrumento metodológico de investigação e intervenção psicossocial à luz dos conceitos de Vigotsky sobre imaginação e criação.	Instrumentos iconográficos são recursos potentes que auxiliam pesquisas e processos de intervenção com crianças e jovens.	Lilacs	017
Pesquisa qualitativa em psicologia e saúde coletiva: experimentações com o recurso fotográfico Psicologia e ciência e profissão	Maria Aparecida de França Gomes; Magda Dimenstein	Pesquisa qualitativa exploratória realizada com jovens catadores de lixo. Objetivou ressaltar a fotografia como fonte privilegiada de informação da realidade estudada. .	Fotografia enquanto fonte privilegiada de informações, provocadora de discursos sobre a realidade estudada.	Lilacs	014
Trajatórias juvenis: significando projetos de vida a partir do primeiro emprego	Regina Célia P. Borges; Maria Chalfin Coutinho	Pesquisa qualitativa que buscou compreender os sentidos do trabalho para jovens em sua primeira experiência profissional.	Fotografia foi utilizada como ferramenta complementar, que facilitou a aproximação com os sentidos que o trabalho tem para o sujeito.	Lilacs	010
Uso da fotografia como método de coleta de informações: estudo qualitativo com adolescentes com câncer	Úrsula Vogel Schmitz Rossari; Maria Graça Corso da Motta	Estudo qualitativo com abordagem fenomenológica que discute o uso da fotografia como método de coleta de informações e compreender o mundo vivido do adolescente com câncer.	Fotografia enquanto recurso inovador, que revela aspectos da subjetividade, do sofrimento e cotidiano dos sujeitos.	Lilacs	009
Air, water, land mexican-origin adolescent's perceptions of health and the enviroment	Carolyn M. Garcia; Marcelo Medeiros	Pesquisa qualitativa de cunho etnográfico que utiliza o photovoice como técnica de coleta de dados. Artigo visa descrever como as influências ambientais são percebidas por adolescentes imigrantes de origem mexicana.	Photovoice fortaleceu o estudo, mostrou-se um método atraente que possibilita maior uso da criatividade por parte dos sujeitos de pesquisa.	Lilacs	007
Ação social e	Roseli Esquerdo	Relato de experiência	Fotografia		

intersetorialidade: relato de uma experiência na interface entre saúde, educação e cultura	Lopes; Ana Paula Serrata Malfitano	de uma oficina de fotografias realizada pelo projeto de extensão. Artigo realiza uma discussão sobre a oficina e o fazer fotográfico.	enquanto recurso que permite uma inserção no cotidiano, que permite maior aproximação com os participantes. Oficinas de fotografias apresentam grande potencial para trabalhar aspectos da autopercepção, realidade social e sentimento de pertencimento.	Lilacs	006
Jovens do bairro da pedra do papagaio: notas sobre uma oficina de fotografia – projeto casa rosa	Talita Vecchia; Denise Dias Barros; Miki Sato	Relato de experiência de uma oficina de fotografia que possibilita uma aproximação dos participantes com o universo da fotografia.	As oficinas de fotografia favorecem a expressão dos jovens, abrem discussões sobre o lugar onde vivem; instrumento de intervenção.	Lilacs	005

Discussão

Para facilitar a compilação dos resultados encontrados, optou-se por dividir a discussão em quatro tópicos abordando temas recorrentes: Vínculo e engajamento com a pesquisa; Fotografia e exploração do território e Intervenção fotográfica;

Vínculo e engajamento com a pesquisa

O engajamento do público com a pesquisa é um fator importante, amplamente discutido. As pesquisas poderiam empregar metodologias que encorajassem a criatividade dos participantes mais jovens, que podem vivenciar sentimentos de timidez em estratégias mais tradicionais como a entrevista oral (GARCIA; MEDEIROS, 2007).

Por vezes, o processo de pesquisa favorece a criação de um ambiente formal e árido aos jovens. Com a proposta da fotografia tais encontros tornam-se momentos descontraídos, sem perder sua seriedade e profundidade, mas que facilita a entrada do pesquisador no mundo vivido do adolescente e, conseqüentemente, resulta em uma maior aproximação, pois permite o empreendimento de questões que não seriam apreendidas somente com a utilização das entrevistas (BORGES; COUTINHO, 2010, p.505).

Os recursos imagéticos permitem a expressão de significados e sentidos sem que se faça uso de métodos exclusivamente verbais (BUENO, et. al., 2017). A produção de narrativas visuais contribuem para a diminuição das barreiras estabelecidas entre pesquisador e pesquisado, auxilia na produção de conteúdos culturais sensíveis. (GOMES; DIMENSTEIN, 2014, p. 806)

Borges e Coutinho (2010) sinalizam as possibilidades que surgem com os registros fotográficos, pois estes provocam os adolescentes a visualizarem questões que gostariam de apontar, mas que apresentam dificuldade em se expressar, porém a mediação do recurso fotográfico permite maior exploração conceitual no momento da entrevista.

Borner e colaboradores (2015), em sua pesquisa com adolescentes mexicanos, revelaram que a utilização da linguagem fotográfica enquanto metodologia de pesquisa, produziu sentimentos de motivação e responsabilidade nos estudantes, o manuseio da câmera possibilitou certo aprimoramento da capacidade de concentração, observação, análise e auto expressão. O trabalho desenvolvido pelos autores revelou fragilidades e riscos ambientais no território em que os adolescentes viviam, apontam a fotografia como recurso privilegiado quando utilizada em pesquisa, pois favorece o engajamento dos jovens.

Gomes e Dimenstein (2014) corroboram e relatam que a utilização das fotografias favorece a produção de narrativas, e aproximam os participantes dos pesquisadores. Os autores afirmam que a aproximação entre os atores de pesquisa oportunizam sentimentos de entusiasmo e motivação.

Segundo Lopes e Malfitano (2006), o vínculo em pesquisa é de extrema necessidade, principalmente no que diz respeito às situações de desigualdade social, pois facilita a oferta de novas vivências e permite a aproximação do cotidiano daqueles que se encontram em situação de vulnerabilidade social. As referidas autoras advertem sobre a urgência de pesquisas que explorem o protagonismo juvenil, pois crianças e adolescentes são os principais criadores e direcionadores de suas vidas. Assim, possibilitar um ambiente em que as vozes das juventudes possam ser ecoadas enriquece a produção de políticas públicas que revertem pesquisas em direitos sociais voltadas a este segmento populacional.

Em resposta aos desafios de uma boa vinculação com os sujeitos de pesquisa, os artigos analisados mostram que é estratégico o uso de recursos fotográficos com o público juvenil. (LOPES; MALFITANO, 2006; GARCIA; MEDEIROS, 2007; BORGES; COUTINHO, 2010; GOMES; DIMENSTEIN, 2014; BORNER, et. al., 2015; VECCHIA, et. al., 2005).

É desta forma, a fotografia surge no cenário atual como importante mediador e instrumento de pesquisa com adolescentes, revelando ser uma ferramenta que possibilita maior aproximação destes com os pesquisadores, além de se mostrar sempre presente nas diversas realidades sociais.

Desenho metodológico

Por mais que todos os estudos encontrados utilizassem o recurso fotográfico enquanto ferramenta metodológica (ou parte dela), apenas 2 deles fizeram uso do photovoice como metodologia (COSTA, et. al., 2013; GARCIA; MEDEIROS, 2007). Photovoice é uma estratégia de coleta de dados mais atraente e que não depende habilidades comunicativas, tais como a leitura ou escrita. (GARCIA; MEDEIROS, 2007).

Caracteriza-se enquanto processo pelo qual os sujeitos conseguem identificar, representar e desenvolver suas próprias comunidades por meio do registro de fotografias. Envolve entregar câmeras para os sujeitos de pesquisa para que possam recordar e serem catalisadores de mudanças de aspectos do próprio espaço onde vivem (WANG; BURRIS, 2012).

Assumindo um caráter social e dialógico, Costa e colaboradores (2013) validaram a utilização dessa metodologia (o photovoice) como estratégia positiva de educação em saúde, que promove mudança social e que pode ser utilizada pelos profissionais da saúde do Sistema Único de Saúde.

Gomes e Dimenstein (2014, p.808) discorrem sobre o método do ‘ensaio fotográfico’ que baseia-se no pesquisador entregar uma câmera fotográfica ao participante da pesquisa, fornecer as orientações necessárias sobre o manuseio e funcionamento da máquina para o registro das fotografias e por fim, pede para que o participante faça uma descrição dele próprio, produzindo a “autofotografia” a descrição dele próprio, GOMES; DIMENSTEIN, 2014. O método do Ensaio Fotográfico vai de encontro à metodologia do photovoice, porém os autores não utilizaram este termo em sua pesquisa.

Percebeu-se que alguns autores (GOMES; DIMENSTEIN, 2014; COSTA, et. al., 2013; GARCIA; MEDEIROS, 2007) nomeiam as metodologias com as câmeras fotográficas. Porém, não se teve consenso quanto à melhor nomenclatura, se o photovoice, ou ensaio fotográfico.

Fotografia e exploração do território.

Foi praticamente unânime, dentre os artigos incluídos neste estudo de revisão, a utilização da fotografia enquanto ferramenta que permite maior aproximação entre os elementos que emergem do território das cartografias tecidas pelos sujeitos de pesquisa. Seja ao explorar a percepção sobre riscos ambientais (BORNER, et. al., 2015; GARCIA; MEDEIROS, 2007) ou temas relacionados à saúde (COSTA, et. al., 2013) ou ainda na capacidade de descobrir alguns sentidos da vivência dos jovens com seu próprio território (BUENO, et. al., 2017; GOMES; DIMENSTEIN, 2014; LOPES; MALFITANO, 2006; VECHIA; BARROS; SATO, 2005).

A fotografia potencializa o olhar do sujeito sobre as questões que acha pertinente no bairro em que mora. Os autores, em sua pesquisa com adolescentes de comunidades litorâneas pontuam que a análise das fotografias revela as formas em que os jovens constroem suas redes sociais. A análise também revelou alguns aspectos das relações estabelecidas com os espaços comunitários em que transitam (BUENO, et. al., 2017).

“As imagens mostram os sujeitos da pesquisa interagindo e apropriando-se dos espaços físicos das comunidades litorâneas, demonstrando assim, a expressão afetiva, histórica e da cultura que esses sujeitos desenvolvem com seu território, em sua dimensão de pertencimento” (BUENO, et. al., 2017, p. 105)

Bueno e colaboradores (2017) evidenciaram que, além da capacidade de registrar espaços e relações interpessoais, as imagens produzidas também revelam a habilidade de identificar permanências e rupturas que veem com o passar dos anos, documentando-as de modo que possam resistir às ações do tempo. No que se refere a análise histórica dos espaços e no que tange as transformações que veem com o tempo, . É desta forma que a fotografia apresenta a capacidade de registrar e documentar ações que se desenvolvem em seu contexto natural, revelando aspectos históricos, culturais e sociais presentes no território,

a relevância da fotografia histórica se apresenta na possibilidade de para além da retrospectiva, fazer comparações com fotografias atuais produzidas nas mesmas comunidades, para assim, identificar permanências e rupturas que delimitam os momentos distintos de produção das imagens. Tendo em vista a função de evidência documentada desse tipo de fotografia (BUENO, et. al., 2017, p. 105)

Numa oficina de fotografia realizada em uma cidade de Minas Gerais, Vecchia e colaboradores (2005) apontam para as oportunidades que os registros fotográficos possibilitaram ao retratar as perspectivas pessoais de jovens sobre o lugar em que vivem, além de facilitar discussões e narrativas visuais sobre suas próprias histórias, dia a dia e contexto.

É neste formato que as fotografias presenteiam as pesquisas com percepções sobre as relações que as juventudes mantêm com os diversos espaços sociais, sobre como elaboram e fortalecem sentimentos de pertencimento juvenil e como direcionam suas redes de sociabilidade no território.

Intervenção fotográfica

A fotografia é um recurso flexível, versátil e como mostrou-se acima, é capaz de promover um amistoso ambiente de pesquisa, desconstruindo barreiras culturais entre pesquisador e os sujeitos pesquisados, assim como auxilia no processo de análise sobre as relações constituídas no território (sejam com os espaços ou entre as pessoas) revelando aspectos históricos, culturais e sociais.

Para além do investimento na produção de narrativas juvenis, a utilização dessa ferramenta possibilita uma alternativa de linguagem em pesquisa, que também pode auxiliar num processo de intervenção, tornando-se uma pesquisa-intervenção, afinal a fotografia:

provoca discursos e se apresenta como uma fonte privilegiada de informações da realidade estudada e da visão de mundo dos participantes. A articulação imagem-discurso mostra-se potente no acesso a diferentes dimensões dos sujeitos e se constitui em uma estratégia de intervenção em várias problemáticas. (GOMES; DIMENSTEIN, 2014, p. 806)

Borges e Coutinho (2010) em sua pesquisa com adolescentes em tratamento oncológico, utilizaram o recurso fotográfico a fim de investigar seus universos vividos e comprovaram que tal ferramenta é capaz de identificar aspectos relacionados à corporeidade e valorização da imagem corporal dos jovens, principalmente no que tange as alterações fisiológicas consequentes do tratamento oncológico.

É por meio das imagens produzidas que o contato com o universo simbólico do sujeito torna-se possível. Auxilia na exploração do conteúdo existencial provocado por uma doença crônica como o câncer vivido pelo adolescente. (BORGES; COUTINHO, 2010 p. 506). Pois, segundo Bueno e colaboradores (2017), a arte auxilia no processo de expressão do material subjetivo do sujeito.

A captura fotográfica de toda a diversidade e complexidade de um momento tão difícil, que é o adoecimento, permite que o adolescente possa manifestar e expressar seus sentimentos mais profundos a fim de fortalecer e facilitar um ambiente favorável para enfrentamento da doença (BORGES; COUTINHO, 2010, p. 506)

Desta maneira, os autores enfatizam que

a utilização da fotografia pode ser uma nova tecnologia para abordar questões relativas à vivência do ser doente, com destaque àqueles em situações críticas. Desta maneira, talvez o indivíduo consiga demonstrar em imagens e, por vezes, não consegue dizer nem explicar, bem como situações relacionadas ao cotidiano da doença, sua hospitalização, sua auto-imagem e seu bem-estar ou não. (BORGES; COUTINHO, 2010, p. 504)

Alguns autores deixam clara a potência de sua utilização de modo mais individual, focalizado no contexto do adoecimento de adolescentes. Por outro lado, existe a possibilidade de intervenção que é construída em grupo, como é o caso de outros dois estudos que investigaram as ressonâncias de oficinas de fotografias em territórios de vulnerabilidade social (LOPES; MALFITANO, 2006; VECCHIA et. al., 2005)

O espaço produzido por uma oficina de atividades facilita a manipulação de temas polêmicos que fazem parte da realidade dos adolescentes, constituindo-se enquanto instrumento de apropriação individual e coletiva. É nesses espaços onde as histórias pessoais fundem-se com as vivências do coletivo dialogando e transitando entre as dimensões espacial e temporal em que os adolescentes se encontram, gerando um novo olhar para o lugar comum (VECCHIA et. al., 2005)

Para Lopes e Malfitano (2006), as oficinas também transitam entre o individual e o coletivo, mas tangenciam a percepção de si e de seu local de pertencimento. As fotografias são facilitadoras e evocam narrativas visuais nos discursos das crianças e jovens. Em seu estudo, as oficinas aconteciam dentro de centros de convivência, as autoras fizeram uso de diversas metodologias para oferecer suporte social às crianças e adolescentes, sendo ofertados algumas ações de saúde, cultura e educação. Dentro desses espaços, uma das intervenções foi a utilização da fotografia como recurso mediador, cuja finalidade era promover maior engajamento juvenil e ampliar os lugares de pertencimento e suporte psicossocial. Dentro desse contexto, fotografar significou colocar em movimento os desejos de publicar situações de vulnerabilidade social. (LOPES; MALFITANO, 2006, p.510).

Em resumo, a fotografia também mostra-se enquanto recurso de intervenção terapêutica que pode ser utilizada no individual ou no coletivo, mostra-se enquanto recurso que exercita habilidades nos sujeitos, estimulando a percepção territorial em relação aos espaços de pertencimento local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

São diversos os desenhos metodológicos que utilizam a fotografia enquanto recurso. As fotografias enriquecem as pesquisas com o público juvenil, pois promovem uma imersão

no cotidiano destes revelando desde aspectos subjetivos até sociais. É um recurso que dialoga diretamente com a produção de cartografias. É recurso versátil e flexível, podendo ser utilizada em diferentes contextos, seja em pesquisas de cunho social, antropológico, até mesmo da saúde e educação. Sua utilização pode apresentar múltiplas variedades de desenhos metodológicos, cada qual mais apropriado com o contexto em que se quer estudar.

Todos os estudos foram enfáticos e validaram a fotografia enquanto elemento importante na aproximação com o cotidiano e realidade dos participantes explorando a complexidade que é o dia a dia das pessoas. Para além de imprimir no papel o que é concreto e material, a fotografia apresenta a habilidade de jogar com as relações existentes, com os espaços comunitários e como os sujeitos que tecem suas próprias cartografias dentro do território em que residem.

Vale ressaltar que é uma ferramenta que demanda certo investimento financeiro e tempo para análise das imagens produzidas. É um recurso pouco utilizado, explorado e divulgado, mas que apesar dos pontos negativos é notório sua potência, principalmente no que diz aos resultados atingidos com o público juvenil.

É assim que a fotografia se mostra enquanto elemento que concretiza mudanças tanto nos sujeitos quanto nos territórios e viabiliza experiências diversas enriquecendo as possibilidades de troca no universo juvenil. Apresenta-se enquanto recurso inovador no campo da pesquisa, revelando grande potencial criativo (tanto do pesquisador quanto dos sujeitos de pesquisa), e que consegue revelar aspectos subjetivos, interpessoais, relacionais, territoriais, sociais, dentre outros.

REFERÊNCIAS:

BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7ªed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BORGES, R. C. P.; COUTINHO, M. C. Trajetórias juvenis: significando projetos de vida a partir do primeiro emprego. Rev. bras. orientac. prof, São Paulo, volume 11, número 2, p. 189-200, dez. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902010000200004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 30 jun. 2018.

BORNER, S.; ALBINO, J. C. T; CARAVEO, L. M. N.; TEJEDA, A. C. C. Exploring Mexican adolescents' perceptions of environmental health risks: a photographic approach to risk analysis; *Ciência & Saúde Coletiva*, volume 20, numero 5, p. 1917-a 1627, 2015. Disponível em: (https://scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232015000501617)

BRASIL, Estatuto da criança e do Adolescente: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. 13º ed. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2015.

BUENO, L. D.; JUNIOR, P. S. dos S.; CANUTO, L. T.; OLIVEIRA, A. A. S. de O., Iconografia na investigação e intervenção de processos psicossociais. Revista de Psicologia, Fortaleza, volume 8, numero 1, p. 99-108, jan/jun. 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/18783>

CÂMARA, M. Urubu rei: uma imagem fotojornalística e suas multimodalidades. In: ALMEIDA, Daniele Barbosa Lins de (Org.). Perspectivas em análise visual: do fotojornalismo ao blog. João Pessoa: Ed. UFPB, 2008

CARDOSO, A. Juventudes e desigualdade. 1ª edição, Rio de Janeiro: Azougue editorial, 220p. 2014.

CARIOLI, P.; GAUER, G. C. A adolescência escrita em blogs. Estudos de psicologia, campinas volume 26, número 2, p.205-213. 2009

COSTA, A. G. M. da; VIEIRA, N. F. C.; GUBERT, F.do A.; FERREIRA, A. G. N.; SCOPACASA, L. F.; PINHEIRO, P. N. da C. Imagens e concepções de adolescentes moradores de zonas rurais sobre saúde. Cad. Saúde Publica, Rio de Janeiro, Volume 29, número 8, p. 1675-1680. agosto de 2013.

FLUSSER, V. Filosofia da Caixa Preta: Ensaios para uma futura filosofia da fotografia. 1ªed, Editora Annablume, São Paulo, 2011, 101p.

GARCIA, C., M.; MEDEIROS, M. Air, water, land: mexican-origin adolescents' perceptions of health and the environment. Rev. Eletrônica de Enfermagem, volume 9, número 3, p. 574-587, 2007 Disponível em: (<http://www.fen.ufg.br/revista/v9/n3/v9n3a02.htm>)

GOMES, M. A. de F.; DIMENSTEIN, M. Pesquisa Qualitativa em Psicologia e Saúde Coletiva: Experimentações com o Recurso Fotográfico. Psicol. cienc. prof., volume 34, número 4, Brasília p. 804-820, dez. 2014 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932014000400804&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 30 jun. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-370001422013>.

LOPES, R. E.; MALFITANO, A. P. S.. Ação social e intersetorialidade: relato de uma experiência na interface entre saúde, educação e cultura. Interface (Botucatu), Botucatu , volume 10, numero 20, p. 505-515, Dec. 2006 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832006000200016&lng=en&nrm=iso

MENDES, K.D.S. SILVEIRA, R.C.C.P. GALVÃO, C.M.; Revisão integrativa: método de pesquisa para incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. Texto Contexto Enferm. 2008 out-dez; 17(4): 758-64.

ROSSARI U. V. S.; MOTTA, M. G. C. Uso da fotografia como método de coleta de informações: estudo qualitativo com adolescentes com câncer. Rev. Gaúcha Enferm., volume

30, número 3, Porto Alegre (RS), p.500-507 set. 2009. Disponível em:
<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/7671/6970>)

SOUZA, A. P. L. de et al. Criando contextos ecológicos de desenvolvimento e direitos humanos para adolescentes. *Paidéia* (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto , v. 21, n. 49, p. 273-278, Aug. 2011 . Disponível em
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2011000200015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em Out. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2011000200015>.

VECCHIA, Talita; BARROS, Denise Dias; SATO, Miki. Jovens do bairro da Pedra do Papagaio: notas sobre uma oficina de fotografia - Projeto Casa Rosa. **Imaginario**, São Paulo , volume 11, número 11, p. 337-362, dez. 2005 . Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-666X2005000200015&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 30 jun. 2018

DISCUSSÃO

Nesta dissertação, as análises sobre as fotografias produzidas pelos jovens encontram-se representadas a partir de retratos singulares que revelam e exploram as narrativas subjetivas que cada participante construiu a partir do olhar para as questões que encontraram em seu próprio território.

OS DISCURSOS DOS RETRATOS: ANÁLISE DAS NARRATIVAS VISUAIS DOS JOVENS FOTÓGRAFOS

Os atos fotográficos dos jovens resultaram num acervo de aproximadamente 90 fotografias que foram registradas próximas às residências dos participantes, que por sua vez, revelaram espaços de circulação e pertencimento, públicos e privados. Já as entrevistas realizadas com os jovens fotógrafos, geraram cerca de 3 horas e 50 minutos de gravação, material foi transcrito e analisado.

Tratam-se de discursos que “se insurgem contra o discurso da mimese e da transparência, e sublinham que a foto é eminentemente codificada (sob todos os tipos de ponto de vista: técnico, cultural, sociológico, estético etc.)” (DUBOIS, p. 37, 2017). Ou seja, sua codificação, sua leitura, está intimamente ligada aos contextos que envolviam o momento de sua produção e, quando contemplada, no que tange o universo de seu leitor.

Quanto à semiologia, permitiu tomar em consideração a imagem fotográfica como mensagem, desmontando o processo da sua comunicação, e, em particular, os diferentes tipos de códigos. Mas, tal como qualquer outra forma de arte e de literatura, tal como qualquer texto, a imagem fotográfica só existe plenamente se orfruída por um leitor que lhe dê uma interpretação e, neste sentido, opere activamente uma espécie de reescrita, de recriação. (BAURET, 2015, p.11)

Deste modo, as análises mostradas a seguir consideraram a produção destes dois materiais discursivos: fotografias e entrevistas.

Retrato de Marielle Franco

Marielle Franco, 16 anos, realizou 18 fotografias. A jovem compartilha seu espaço de moradia com outros onze (11) familiares que se distribuem em pequenas casas de num mesmo lote. Suas fotografias retratam esse cotidiano compartilhado e nos mostram associações visuais sobre as relações que estabelece com seu ambiente de moradia e com

outros espaços por onde circula pelo bairro. O olhar de Marielle partiu de sua própria casa em direção às ruas, praças, e Unidade Básica de Saúde (UBS).

Marielle mostrou possuir certa independência e autonomia em sua circulação pelo bairro onde mora, pois não demonstrou precisar da autorização de sua mãe para ir e vir, já que frequentava cursos e comparece às consultas e grupos da UBS sozinha.

Acompanhada de sua câmera fotográfica andou pelas ruas e calçadas, frequentou praças e visitou a UBS de referência. Capturou elementos que abriram diferentes campos de análise discutidos a seguir.

O sofá de Marielle, onde a entrevista foi realizada, foi palco de discussões sobre sua infância, seu desejo de mudar de casa, seus conflitos familiares, sobre o lixo urbano, etc. Foi possível criar um diálogo bastante peculiar com as narrativas de Marielle. A exploração do conteúdo de suas fotografias mostrou-se um recurso facilitador que permitiu o acesso ao seu universo interno, seus sentimentos, emoções e memórias relacionadas ao modo em que percebe a realidade em que vive.

Marielle verbaliza que foi criada apenas por sua mãe, tem outros quatro (4) irmãos sendo que um deles faz uso de substâncias psicoativas. Conta que vivem com escassez de recursos financeiros e apresenta certo sofrimento ao falar da situação financeira de sua família, sobre as responsabilidades adquiridas com seu crescimento que vão limitando desejos pessoais como o de estar mais vinculada com atividades de lazer, sofrimento este que atravessa múltiplas questões: sociais, raciais, de gênero e conflitos familiares.

Marielle fotografa alguns sacos de lixo que foram colocados do lado de fora de sua casa (FIGURA 1) com a intenção de representar todo o lixo que encontra jogado pelas ruas, fator que atrai ratos para dentro de sua residência. Além das situações de vulnerabilidade destacadas pela jovem, durante a entrevista pude testemunhar a circulação de ratos pela casa que também foram notados por ela, as reações de vergonha e incômodo com a presença dos animais deram lugar à sensação de estar familiarizada, acostumada com a circulação de ratos pela residência.



Figura 1

“Desde criança eu vejo todo mundo colocando o lixo lá, o entulho, essas coisas. Mas é só uma representação do lixo mesmo. É por causa dos lixos que os ratos vivem aqui.”

Durante a entrevista, foi possível perceber alguns conflitos que tangiam a relação com seus familiares, Marielle percebia um tratamento diferenciado só por ser mulher, que seus irmãos não assumiam as responsabilidades domésticas tais como ela, além disso, chegou a falar a preocupação que tem com seu irmão que é usuário de drogas. Vivemos numa sociedade machista e sexista, onde a diferença do tratamento entre homens e mulheres podem ser identificados desde a infância e adolescência, fator que influencia diretamente na participação social das jovens.

Em resposta aos conflitos vivenciados em casa, a jovem escolhe uma praça próxima e o quarto do primo (que fica na parte de cima da casa) enquanto espaços de refúgio, demonstrados a partir de algumas fotografias. No quarto do primo, prefere ficar no escuro para fugir um pouco dos problemas familiares, fica imersa em seus pensamentos, desejos e sonhos. Fotografava a janela do quarto (FIGURA 2) por onde olha o horizonte, destacando um prédio em especial. Em alguns momentos a janela se transforma numa moldura capaz de acessar o desejo de mudar de vida, simbolizado em sua fotografia, imagina como seria morar no apartamento que pode ser visto dali, a partir daquela janela. Assim, observar a paisagem

emoldurada pela janela é ver a certa distância, vislumbrar um sonho um desejo, é “ajanelar o cotidiano” como refere Karina Dias (2010).



Figura 2

“Então, o que eu gosto mais é desse apartamento (aponta um apartamento ao fundo, junto ao horizonte), aqui atrás. Eu gosto de olhar ele, fico pensando como seria se eu morasse nele, ou como seria a vida da pessoa que moram dentro desse apartamento. Ai tem vezes que eu olho lá, e fico pensando assim.”

Outro espaço de refúgio e reflexão surge nas fotografias quando Marielle procura capturar o sentido das praças e das árvores em seu dia a dia que, assim como o quarto do primo, são espaços de fuga e continência. Tavares e Albertini (2005) afirmam que espaços de continência, onde existe investimento afetivo e social, muitas vezes surgem em resposta às situações de vulnerabilidade que ameaçam a sobrevivência do sujeito.

“(falando sobre as praças) Onde eu posso ficar sozinha, tipo... é, ficar sozinha mesmo. Não precisar ficar olhando um monte de coisas, ficar vendo as coisas que acontecem em casa, aí eu saio e fico lá, mas tenho que voltar.”

A arborização das praças chama a atenção de Marielle, pois as torna mais acolhedoras, endossando o fato da praça apresentar-se enquanto espaço de continência. Esse aspecto é reforçado por Diaz (2005) quando o mesmo afirma que a vegetação desempenha um importante papel no ambiente urbano, que para além dos benefícios relacionados à flora e ao

bem estar ambiental, contribuem para a sensação de refúgio, alívio de estresse e estímulo à prática de atividades físicas. Ao falar sobre a importância das árvores e espaços verdes, Marielle pontua seu desejo de cursar biologia.

Em sua série fotográfica, uma foto é dedicada à UBS de referência para sua região. Serviço no qual é acompanhada por uma equipe de saúde, espaço que frequenta para conversar com a assistente social, psicólogo e participar de grupos como o de dança do ventre. Historicamente os serviços de saúde possuem diversas dificuldades na adesão de jovens, muito por se distanciarem da linguagem e universo desse segmento populacional. Porém isso não foi problema para Marielle, que revela apreço pela UBS, um espaço onde encontra auxílio e pode conversar melhor sobre aspectos pessoais de sua vida, mostrando-se um espaço que presta continência ao sofrimento vivenciado pela jovem, um espaço em que pode criar relações.

Apesar do sofrimento vindo com a sensibilidade de perceber os limites financeiros de sua família e das relações desiguais em que o machismo e racismo operam, mostrou-se bastante resiliente, pois cria estratégias de cuidado ao procurar outros espaços para ressignificar tais experiências negativas, seja nas praças, no quarto do primo ou na UBS de referência. Não é sobre não enfrentar as situações de conflito, mas sim sobre como identificar e participar de espaços que provoquem reflexões e encontros, potencializando e fortalecendo a jovem frente aos problemas sociais e pessoais que percebe em seu cotidiano.

Retrato de Fernão Mendes Pinto

Fernão Mendes Pinto, 16 anos, assim como Marielle, compartilha seu espaço de moradia com outros familiares, porém, ao contrário da jovem, mostrou-se um rapaz tímido e pouco comunicativo. Os espaços de circulação com a câmera basearam-se em sua casa e igreja, mas ao expressar suas intenções fotográficas o jovem consegue apontar questões sobre seu trabalho e lazer (jogar futebol num campo próximo à sua residência).

Apesar de demonstrar interesse pela pesquisa, Fernão registrou poucas fotos (8) se comparadas com os demais participantes, o que limitou o universo a ser explorado. O cotidiano que compartilhou durante a entrevista, evocado pelas fotos, envolve idas à igreja, ao trabalho eventual com fabricação de móveis, participação irregular no futebol comunitário e frequentar a escola.

Apesar das poucas fotos, Fernão conseguiu imprimir seu interesse pela paisagem que o rodeia, que é produzida pela união das casas observadas ao fundo com o céu, nuvens e sol (FIGURA 3).

Ao destacar o ‘belo’ no contraste que o conjunto de casas faz com o céu azul, Fernão contraria o senso comum que coloca a favela como espaço da desordem e do ‘feio’.

Ao falar sobre a fotografia do chão de uma igreja evangélica, Fernão Mendes Pinto revela ser frequentador assíduo, manifesta que aquele é seu espaço de preferência. O chão da igreja surge no repertório visual para apontar outro espaço de circulação – a igreja.

Alguns estudos revelam que áreas mais pobres são espaços onde grande parte das igrejas pentecostais se desenvolve (MARIANO, 2010; MESQUITA, BERTOLI, 2014) e, apesar das críticas, tornam-se espaços que promovem sociabilidade e sensação de pertencimento aos jovens da favela, em contrapartida, são escassos os estudos que aprofundam sobre o tema.

Ao falar sobre suas perspectivas futuras, o jovem revela o desejo em fazer algum curso de ensino superior, ter um trabalho e aposentar-se. Embora tenha conseguido falar sobre alguns desejos relacionados ao futuro, o jovem não conseguiu estruturá-los no formato de um projeto de vida.

“Quero fazer uma faculdade, se Deus quiser eu vou fazer. Ter um serviço bom, a profissão e me aposentar, se der... Risos.”



Figura 3

“Foi mais pra pegar o fundo né, o fundo lá de trás. Ai eu tirei por causa do fundo e do céu, que o céu estava bonito esse dia também, tem umas casas bonitas também.”

A quadra de futebol, pouco frequentada pelo mesmo, surge em seu discurso verbal quando fala sobre os aspectos positivos da favela em que mora. Coelho (2018) em seu estudo que visou analisar sobre algumas fotografias realizadas no interior de práticas culturais vivenciadas por jovens moradores dos subúrbios e favelas do Rio de Janeiro (COELHO, 2018, p.198) nos conta que o arranjo de práticas encontradas na periferia (pixação, bailes funk, torcidas organizadas e jogos de futebol) envolvem um alto fluxo de jovens e auxiliam na produção de espaços de sociabilidade. Contrapondo-se aos aspectos positivos, as brigas frequentes e música alta surgem enquanto aspectos negativos que o jovem percebe.

Fernão Mendes Pinto mostrou-se bastante tímido durante a entrevista, porém as fotografias foram instrumentos que permitiram aprofundar as análises, ampliando as possibilidades e diversidade dos discursos do jovem, mostrando ser um frequentador da igreja batista, do campo de futebol e trabalhador irregular que presta serviços à um colega da família.

Retrato de Abaita

Abaita, a única migrante do grupo de adolescentes que participaram da pesquisa, é uma jovem de 16 anos que morava na casa dos pais no interior da Bahia, porém muda-se para São Paulo em meados de 2016. Atualmente vive com seus tios, tias e primos e não tem previsão ou desejo de retornar para sua cidade natal. Não concluiu o Ensino Médio e não apresenta planos para finalizá-lo. A noção de território e espaço de moradia que Abaita nos apresenta é fruto de sua vivência dentro desses dois anos em que se encontra morando junto à suas tias e primos.

A migração é uma realidade vivida por grande parte da população brasileira, onde diversas pessoas deixam sua terra natal em busca de melhores condições de vida e devido às dificuldades financeiras e à falta de habitação, escolhem a periferia das cidades enquanto espaço de moradia. Desta forma, a periferia urbana torna-se moradia do “exercito de reserva” nordestino (SINGER 1987).

Assim como Fernão Mendes Pinto, Abaita mostrou-se tímida e pouco comunicativa durante a entrevista, no entanto, sua produção fotográfica foi limitada a 4 fotografias, o que também restringiu a exploração dos discursos, visuais e verbais. Sua cartografia fotográfica contém a paisagem vista de seu quarto (visão panorâmica da favela), o prédio onde trabalha, o interior de sua casa e o contraste que o céu faz com as residências na encosta do morro.

Com o intuito de realizar uma fotografia que pudesse simbolizar a relação que estabelece com seu ambiente de trabalho, Abaita fotografou o prédio onde presta serviços como babá para uma família de classe média (FIGURA 4), para isso, teve que se locomover da Zona Leste de São Paulo à Barra Funda (região central). Essa foto traduz a realidade de diversos trabalhadores que moram na periferia da cidade, deslocam-se diariamente por meio do transporte público de suas casas às regiões em que trabalham.

Por mais que o desejo de encontrar melhores condições de vida e fugir do dia-a-dia pacato típico de uma cidade de interior tenham sido os motivos disparadores (identificados durante a entrevista) de sua mudança para São Paulo, a existência de Abaita no espaço da favela não se sustenta apenas pelos motivos citados. O que promove sustentação à construção de uma identidade socioespacial é a busca por novas raízes, a criação de novas redes de sociabilidade que fortaleçam suas relações com o espaço onde mora e com as pessoas à sua volta, aspectos também encontrados por Tavares e Albertine (2005, p.304) que realizaram estudo com a comunidade moradora da favela de São José (SP) que, apesar de alguns moradores do estudo apresentarem aspectos semelhantes aos de Abaita, como a migração para

São Paulo em busca de novos horizontes, o que dá sustentação à permanência dessas pessoas nesses espaços são fatores ligados à produção de novas formas de inclusão e sociabilidades, quando passam a pertencer ao território em que escolheram morar, onde escolheram criar novas raízes.

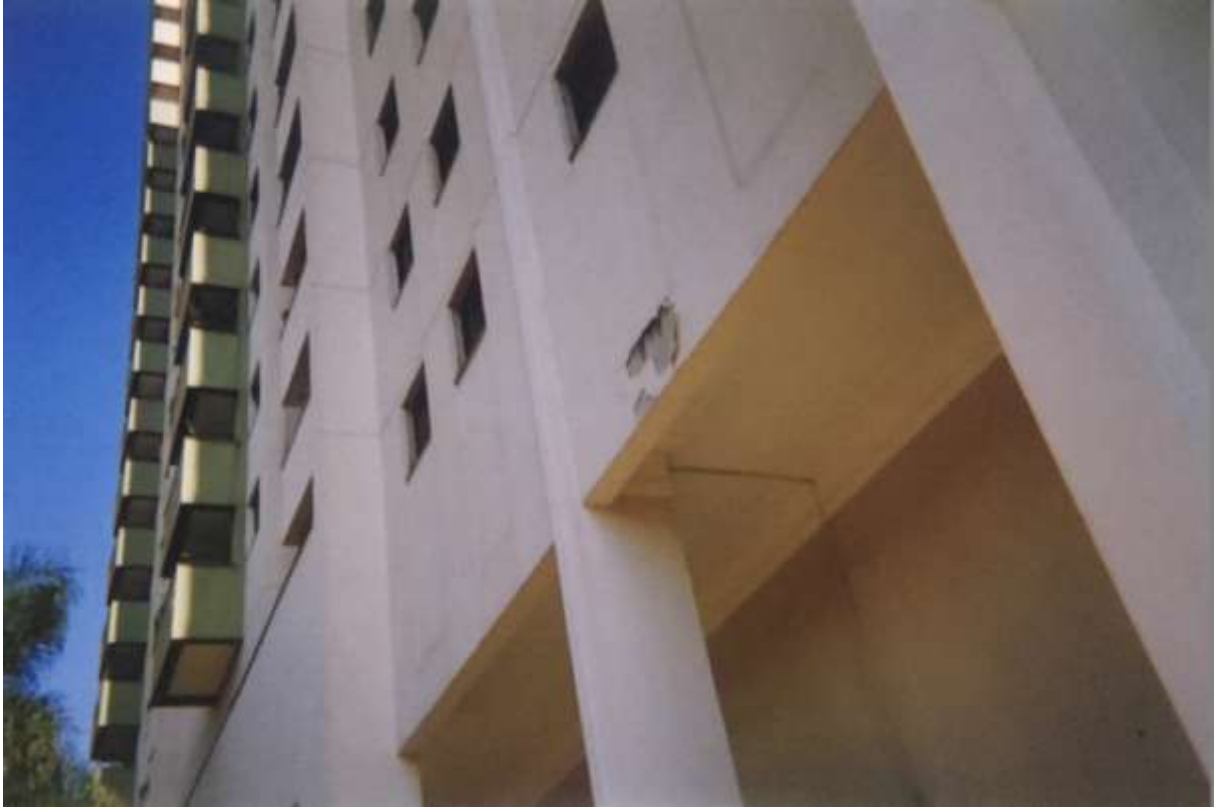


Figura 4

Em outra foto (FIGURA 5), Abaita, assim como Marielle, vislumbrou uma paisagem que pode ser vista através das molduras da janela de seu quarto. Ao fazer isso, a jovem apresenta uma noção de território importante quando, durante a entrevista, conceitua ‘Favela’ enquanto espaço que mistura o céu com o amontoado de casas e que resulta na paisagem observada. Propositamente, escolheu o céu e a favela enquanto elementos que compunham a cena registrada na fotografia, resultado não só da visão emoldurada pela janela de seu quarto, mas também da vivência dentro de um espaço íntimo de seu cotidiano, seu quarto, onde passa momentos admirando a vista do céu e da favela.



Figura 5

Em alguns casos, como os de Abaita, a entrevista tornou-se um desafio, pois foi realizada dentro do seu espaço de moradia, onde algumas vezes a passagem e intervenção de alguns familiares foram inevitáveis. A entrevista foi realizada na cozinha que era o espaço mais vazio da casa, porém seus primos, primas, tio e tia encontravam-se na residência. Em algum momento da entrevista a tia de Abaita resolveu interferir um pouco, respondendo pela sobrinha, que em seguida validou o que foi dito pela tia, revelando outro território de pertencimento, de lazer coletivo, o baile funk que acontece com frequência, próximo de sua casa, lugar que gosta de frequentar.

Entrevistador: *As coisas que você faz estão por aqui mesmo, só o trabalho que fica um pouco mais distante?*

Abaita: *Isso mesmo.*

Tia: *E o funk aqui no bairro*

Entrevistador: *Você gosta do funk aqui do bairro?*

Abaita: *Gosto (risos)*

Entrevistador: *Acontece sempre?*

Abaita: *Todo final de semana. É aqui pertinho, sabe o ponto de ônibus aqui? É pertinho.”*

Nesse sentido, sua busca por identidade também perpassa as idas aos Bailes Funk que ocorrem próximos de sua residência. O Baile Funk é um fenômeno urbano típico das favelas e periferias, ocorrem preferivelmente em nas ruas ou praças de fácil acesso (COELHO, 2018). É a forma em que seus moradores utilizam para fazer uso do próprio território enquanto espaço de lazer e sociabilidade. “O uso principal da cidade, isto é, das ruas e das praças, dos edifícios e dos monumentos, é a Festa (que consome improdutivamente, sem nenhuma outra vantagem além do prazer e do prestígio, enorme riquezas em objetos e em dinheiro).” (LEFEBVRE, 2008, p. 12)

Dayrell (2002), em seu estudo, investigou os significados que jovens da periferia endereçavam à experiência com grupos musicais ligados aos estilos do rap e funk. O autor procura desconstruir a imagem imposta aos jovens da periferia, moradores da favela, que são constantemente associados à violência e marginalidade, onde existe a desqualificação social de tudo o que essa juventude produz. Dayrell (2010) destaca a existência de uma produção cultural efervescente protagonizada pelos jovens que produzem grupos para estabelecer trocas, possibilitando novas experiências de coletividade, misturam o lazer e divertimento e como diz o autor: “vivem determinado modo de ser jovem” (DAYRELL, 2002, p.119)

O estreitamento das relações com o território vai além da busca por melhor qualidade de vida e melhores oportunidades de trabalho, o que sustenta são as vivências produzidas no território. As relações com o território são estreitadas e aprofundadas quando a busca por espaços de identidade é colocada em jogo, tal como acontece nos bailes funk que compõem o cotidiano de Abaita, cenário identitário que facilita a ampliação das suas redes de sociabilidade auxiliando na demarcação de sua identidade frente ao território em que habita, além de configurar-se enquanto momento de lazer.

o mundo da cultura aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais no qual os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil. Longe dos olhares dos pais, professores ou patrões, assumem um papel de protagonistas, atuando de alguma forma sobre o seu meio, construindo um determinado olhar sobre si mesmos e sobre o mundo que os cerca. Neste conceito, a música é a atividade que mais os envolve e os mobiliza (DAYRELL, 2002, p.119)

É desta forma que Abaita compartilhou um pouco dos lugares em que estabelece algum tipo de conexão. Mesmo com sua timidez e com poucos registros, foi possível observar um cotidiano que mistura sua história pessoal de vida com as relações com o trabalho, lazer e vivência com familiares. Foi interessante perceber que, as fotografias inauguraram cenários que, possivelmente, não seriam abordados sem o empreendimento desta metodologia, tais como a realidade de seu trabalho e sua impressão sobre o conceito de favela.

Retratos de Caiçara do Rio do Vento

Caiçara do Rio do Vento é uma jovem de 16 anos, realizou 19 fotografias que abordaram diferentes perspectivas do território ao redor da favela onde reside.

Mora com sua mãe numa casa pequena localizada numa das vielas que atravessam a favela. A liderança comunitária, presente em todos os primeiros encontros, informa que a mãe de Caiçara do Rio do Vento recicla objetos encontrados pelas vielas, para isso, concentra os materiais encontrados dentro de sua casa. Tais materiais também puderam ser observados amontoados na frente de sua residência. É assim que a mãe de Caiçara do Rio do Vento estrutura sua fonte de renda, ao trabalhar com reciclagem, sua mãe enquadra-se no que Burgos (2013) conceitua como ‘trabalhadora sobranter’ que se refere “aos trabalhadores pobres urbanos que, à margem do mercado de trabalho, são (re)inseridos produtivamente, sem contudo se emanciparem da condição de sobranter” (BURGOS, 2013, p.68), envolvendo-se assim numa rede informal de trabalho, que garante minimamente sua subsistência.

Ao final da entrevista, após falar sobre o olhar que imprimiu nas fotos Caiçara fala sobre o desejo de cursar Sociologia, fato que dialoga diretamente com os elementos que escolheu fotografar.

Para auxiliar sua mãe e ter alguma renda própria, Caiçara do Rio do Vento, assim como Fernão Mendes Pinto e Abaita, presta serviço de babá à vizinha quando a mesma não se encontra porém, ao contrario de Abaita, que precisa cortar a cidade para trabalhar, Caiçara anda alguns passos para chegar no seu destino.

Em relação aos registros realizados por Caiçara do Rio do Vento, nota-se que a jovem apresentou um olhar característico ao procurar destacar a fragilidade das ações do Estado para dentro de seu bairro, aspecto que foi percebido ao analisar as falas e fotos que abordam temas sobre: limpeza e higiene públicas, saneamento básico, apoio e suporte social, sinalizações de trânsito, etc.

Durante suas peregrinações pelo território, as instituições públicas de caráter social foram alguns dos alvos do olhar e câmera de Caiçara do Rio do Vento, dentre elas encontra-se a fotografia do Centro de Acolhida para Pessoas em Situação de Rua (FIGURA 6). Ao falar sobre a fotografia, a jovem pontua a importância desses equipamentos no auxílio as questões relacionadas à grande concentração de pessoas em situação de rua que vive na região de Ermelino Matarazzo. O que chama a atenção no olhar dessa participante é que a mesma procurou ampliar sua percepção para além da favela em que mora, abordou temas relacionados a todo o bairro de Ermelino Matarazzo.



Figura 6

“Então, nessa aqui (apontando para a fotografia) eu quis destacar... isso era um centro de acolhimento de mendigos... é que eu não sei qual o nome que se dá pra isso. Aqui na região de Ermelino você só encontra um (1). Então eu queria destacar que só tem um (1), tipo... acharia bom que tivesse mais. Bom, Ermelino não é um centro tão grande, mas também não é tão pequeno, ter só um... Então quando você vai andando por lá você vê bastante mendigo, vários deles tem limites, queria destacar a falta. Por mais centros de acolhimento.”

Atualmente, Ermelino Matarazzo conta com três (3) Centros de Acolhida, um para mulheres e seus filhos, outro para a população masculina e outro para famílias, sendo este último inaugurado em 2018. A sensação da fragilidade do suporte dado à população em situação de rua que a jovem demonstrou ao falar sobre sua fotografia está sintonia com as necessidades dessa população, que é de fato carente de políticas públicas, percebe-se que somente a presença de centros de acolhida não são suficientes para lidar com os desafios que é viver na rua e ter que lidar diariamente com a exposição à risco de doenças e agressões. A esse respeito, Vieira (2004) aponta para a importância de incluir esse segmento populacional no Censo demográfico, pauta reivindicatória dessa população. A realização do Censo, que tem como referência básica o domicílio, exclui famílias e sujeitos que não possuem moradia fixa. A autora afirma que, cada vez mais, a população em situação de rua está compondo novos

cenários nas grandes cidades ao redor de todo o mundo, destacando a importância para a discussão do tema, assim como Caiçara o fez.

A população que mora na favela também já foi historicamente excluída do CENSO, a primeira vez que o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) resolveu incluir os moradores das favelas na contagem da população nacional foi na década de 50, em São Paulo foi apenas na década de 80, existindo certa desigualdade dos levantamentos quantitativos do ponto de vista geográfico (PASTERNAK; OTTAVIANO, 2016).

Em outros registros, Caiçara do Rio do Vento destaca a importância que os serviços da Assistência Social, Centro de Referência de Assistência Social – CRAS (FIGURA 8) e Centro de Referência Especializado de Assistência Social – CREAS) têm no suporte as famílias em situação de vulnerabilidade social. Reconhece a importância dos dois serviços mas, em sua opinião, também não são suficientes para lidar com a complexidade do território e sugere que mais equipamentos de suporte social devem ser instalados na região, tão marcada por situações de pobreza e violência. Apesar de não conhecer o funcionamento das políticas públicas que alicerçam e estruturam os serviços do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), a percepção da realidade próxima de Caiçara do Rio do Vento a faz olhar para a importância dessas instituições no que tange o suporte que dão às famílias pobres.



Figura 7

“Entrevistador: *Você acha que a região precisa de maior apoio social?*

Caiçara do Rio do Vento: *Sim precisa. Porque o centro de Ermelino tem muitas pessoas bem pobres mesmo, por isso queria destacar isso. Mais centros, mais assistentes, coisas sociais pra ajudar, mas abriu um outro ali e achei legal, e aos pouquinhos vai mudando. Dão uma ajuda.”*

Ao levantar o problema social de sua região, a jovem, durante sua locomoção, fotografa um terreno abandonado (FIGURA 8) a muitos anos e sugere que, na quele local, poderia ser construído algum serviço público, justificando que não é pela falta de espaços que estes serviços não são construídos.

O circuito cartografado por Caiçara foi o mais amplo desta pesquisa. A jovem fez uso de sua bicicleta para ampliar seu território de circulação, sua identificação enquanto ciclista também ampliou os temas abordados nas fotografias. Em contra partida poucos pontos próximos de sua residência foram escolhidos para serem fotografados. Ao utilizar a bicicleta para auxiliar em sua peregrinação com a câmera, sua cartografia ciclista revelou a importância da bicicleta na exploração do espaço.

A jovem demonstra interesse e engajamento em seu papel de ciclista, representado nas fotografias quando aponta as dificuldades e facilidades que o próprio território oferece aos ciclistas e pedestres da região. É desta forma que a bicicleta de Caiçara entra como um importante dispositivo que propiciou ampliação do território possível de ser fotografado.



Figura 8

“(...)queria destacar aqui também (apontando pra foto), é um lugar abandonado e é do governo. Eu tava falando sobre mais centros de coisas assim, social e aqui tá abandonado à Deus de Ará, então aqui no centro de Ermelino o que não falta é lugar pra fazer, então queria destacar isso, que lugar tem pra fazer, só o governo fazer, não é lugar que falta, tem até a estrutura já montada e está a anos abandonado.”

Andar de bicicleta pode ser considerado uma prática de atividade física amplamente orientada por profissionais de saúde às pessoas de todas as idades, uma vez que promove bem estar físico, mental e social a todos os seus praticantes.

Ainda neste tema, para representar um aspecto positivo de sua região, Caiçara do Rio do Vento fotografa a ciclo faixa (FIGURA 9), elemento que permite seu engajamento nesta atividade.

Da mesma forma que pontuou sobre a presença de ciclo faixas em seu bairro, outras fotografias mostram a inexistência de sinalizações que advertam motoristas sobre uma rua sem saída ou da ausência de calçadas para que as pessoas possam caminhar sem concorrer com os carros da rua, expondo os transeuntes ao risco de acidentes, destacando a falta de segurança para o ciclista.

“Falta segurança, nenhum ciclista tem segurança. Eu estava andando de bicicleta e o carro invadiu a faixa, você mesmo na faixa você não tem segurança, o carro pode te pegar ali. Eu acho que faixa de pedestre poderia ser aumentada, deixam um espacinho pra gente, entao eu acho que falta isso, segurança pra gente.”



Figura 9

“Então, essa eu queria... como eu amo andar de bicicleta, eu queria destacar que no centro de Ermelino tem faixas de ciclistas, é uma coisa maravilhosa você andar na sua rua, você ter seu espaço pra andar tranquila, queria destacar isso. Você falou que poderia destacar coisas boas e ruins, eu destaquei uma coisa que eu amo, que é andar de bicicleta, então eu tirei a foto da faixa de ciclista.”

Caiçara demonstra que seu olhar juvenil encontra-se antenado às questões relacionadas à desigualdade social e função do Estado no suporte às famílias e populações mais pobres. Revela como o olhar do adolescente pode dar importância às políticas e serviços públicos, assim como valoriza a ação do Estado e seu impacto nas condições sociais das famílias e populações vulneráveis.

A jovem fez uso da fotografia para trazer à tona pautas coletivas e sociais importantes, o que vai contra o senso comum, que costuma desqualificar o jovem como alienado. Pelo contrário, Caiçara do Rio do Vento protestou, manifestou seu incômodo e indignação por meio de suas escolhas fotográficas.

Retratos de Ajuana

Ajuana, jovem de 17 anos, realizou 19 fotografias. Mora com sua família (mãe e irmãs) no interior da favela, cursa o 3º ano do ensino médio de uma escola pública local e planeja cursar Terapia Ocupacional ou Psicologia. Sua série fotográfica abordou temas diferentes, que vão desde a imagem de um gato descansando numa árvore até intervenções poéticas nas escadarias que dão acesso à uma pequena praça revitalizada pela comunidade. A composição de sua cartografia visual mostrou-se versátil e foi possível observar um interessante engajamento da jovem no ato fotográfico, como será discutido mais adiante.

Em seu primeiro registro (FIGURA 10), Ajuana procura dar destaque a presença de fiações expostas nas vielas, que dificultam a passagem dos transeuntes que passam por ali. As construções nas favelas historicamente acontecem de forma improvisada e precária, é comum que a construção de barracos e casas aconteça sem o apoio, suporte ou supervisão de engenheiros, arquitetos ou profissionais do planejamento urbano (VALLADARES, 2005; KEHL, 2010; ZALUAR, AVITO, 2006). É por isso que muitas vezes é a própria comunidade quem constrói suas casas, o pouco planejamento pode interferir no ir e vir de seus moradores, assim como pode promover a exposição de riscos à acidentes, como levar um choque, como colocou a jovem. Em contra partida a autoconstrução das moradias é um fator imprescindível no sentimento de pertencimento na favela (NORONHA, 2018).

Já trabalhei na Unidade Básica de Saúde que era referência para aquela região. Compunha a equipe do Núcleo de Apoio à Saúde da Família enquanto Terapeuta Ocupacional, realizava atendimentos individuais e em grupos assim como fazia visitas domiciliares às famílias da região. Nestes dois anos em que trabalhei neste serviço, pude perceber que parte significativa dos homens realizavam bicos nas construções locais. O que me faz pensar que, trabalhar nesta função exercita a habilidade e o conhecimento prático (empírico) no construir de casas, que, associados à carências de recursos financeiros para custear outros profissionais e por dominarem técnicas próprias, são os próprios moradores quem realizam as construções das casas e barracos da região. Como Noronha (2018) destacou, essa modalidade de construção é um dos fatores que geram sentimentos de pertencimento àquele lugar.



Figura 5

“Essa primeira foto é uma coisa que me incomoda muito que é ali no escadão perto da viela, esses fios aqui não aparece muito na foto, mas eles são muito baixos, muito baixos, daí a gente tem que passar e dar uma curvadinha assim pq eles são baixos demais, eu tenho muito medo de sei lá, levar um choque ali, não sei. Isso me incomoda muito toda vez que eu passo lá, e eu passo lá pra ir pra escola, pra qualquer lugar, isso me incomoda muito.”

Quando Ajuana resolve levar a câmera para o ambiente escolar a jovem fala sobre os registros realizados na instituição e sobre sua pouca identificação com a escola em que estuda. Essa percepção fica evidente quando questiona o modo em que o sistema escolar está estruturado, reclama da postura de alguns professores e estudantes.

Fotografa o trabalho escolar de um colega de turma (FIGURA 11), que colou cigarros num cartaz para construir um pulmão, refere que ficou admirada com a elaboração do trabalho, pontua que a criatividade utilizada nos trabalhos é um ponto forte da escola, mas que a instituição precisa melhorar seu sistema de ensino.



Figura 6

“(…) era mais sobre esses trabalhos aqui mesmo, que a professora de arte pediu pra galera fazer, daí eles fizeram, achei esse trabalho muito da hora. Tipo mano! É um pulmão feito com cigarros, muito da hora! Aí gostei muito. Isso aqui era mais sobre esse aqui mesmo e dos trabalhos que a professora passou pra gente. Eu fiz um também, não tá na foto mas... que eu gostei bastante também, muito legal. Tá vendo, tem momentos bons na escola também.”

Ajuana evidencia uma temática importante para grande parcela da juventude da periferia, que é o reconhecimento da pixação, do pixo⁵ (FIGURA 12), enquanto manifestação juvenil, muitas vezes realizada como forma de protesto, em oposição ao governo. Este aspecto observado pela jovem corrobora com o estudo etnográfico realizado por Pereira (2010) cuja pesquisa revela as relações que os jovens constroem a partir da pixação. O autor afirma que os estudos sobre as pixações tem a capacidade de revelar as dinâmicas construídas pelos jovens da periferia com os centros urbanos (PEREIRA, 2010).

⁵ Adoto a grafia com ‘x’ e não com ‘ch’ contrapondo-se às regras gramaticais, respeitando o modo em que os pixadores utilizam o termo em sua prática.



Figura 7

“Coisa bem de nós da favela, em quase todas as paredes de lá tem uma pixação e é sempre... nunca é uma frase ou nada disso, é sempre o nome da pessoa, aqui acho que está escrito ‘Caique’, sempre uma assinatura, ‘Caio’ aqui embaixo, sempre assinatura das pessoas.”

“...quando a gente fala de pixação é... eu pelo menos penso em muito: “ah! Revolução, ah! Anarquismo” coisas relacionadas à isso né, ou então frases de efeito contra o governo.”

A pixação é uma manifestação juvenil de cunho transgressor relacionado intimamente à cultura Hip Hop. Os pixadores da cidade de São Paulo são em sua grande maioria jovens moradores da periferia. Descolam-se para o centro da cidade e, mediados pela atividade da pixação, criam novas redes de sociabilidade (CEARÁ; DALGALARRONDO, 2008; PEREIRA, 2010).

Ajuana realizou uma série de 6 fotografias de uma escadaria que dá acesso à praça (FIGURA 13) onde se encontra com alguns amigos para comer amoras, acerolas e conversar sobre a vida, revelando mais um espaço em que as relações de convívio e lazer acontecem. O aspecto central desta fotografia está nas cores, nas palavras escritas e principalmente no fato de ter sido resultado da organização comunitária para revitalização daquele espaço, mais uma vez pontua a importância da participação social para manutenção e estilização de espaços públicos, muitas vezes esquecidos. Quando a poesia pinta o concreto cinza de uma escadaria deixa-a mais chamativa aos olhos de quem passa, muito mais do que degraus que levam

alguém de um lugar a outro, a escada se transforma em algo a ser admirada, lida e contemplada. Chama a atenção dos jovens a ponto de se reunir amigos para momentos de lazer e entretenimento em uma praça.



Figura 8

“A gente começa com essa parte aqui, daí está escrito: “você já foi poesia hoje?” Ai a gente vai descendo a escada e no canto esquerdo e direito tem frases assim né? A gente vai descendo e lendo né, daí quando a gente desce tudo isso e você olhar pra trás tem essa... Muito da hora. Nossa quem fez isso foi muito criativo.”

O gesto fotográfico de Ajuana flagraram aspectos contestatórios, principalmente quando destacou as fragilidades do sistema escolar e das ações do Estado. Por outro lado, a jovem sinalizou que foram os aspectos ligados à criatividade que a fizeram fotografar os elementos que percebia, revelando um interesse estético e por expressões artísticas no modo em que olha a cidade, seja para representar a arte urbana na parede da viela, as poesias nas escadas ou de um gato descansando, etc.

Retrato Vuarana

Vuarana, 16 anos, realizou 17 registros, estuda na mesma escola que Ajuana e compartilham alguns amigos em comum. A casa de Vuarana encontra-se nos limites da

favela, numa região onde as ruas são mais largas e praticamente sem vielas. Vuearana já possuía interesse por fotografia e foi a única indicação realizada por uma das participantes (Ajuana), os demais participantes não indicaram nenhum outro adolescente da região.

Talvez, por se encontrar nos limites, na borda da favela, Vuearana não se reconheça enquanto moradora da favela, foi a única participante que não utilizou o termo ‘favela, quebrada ou morro’ para referir-se ao espaço de moradia.

Os elementos que compuseram suas fotografias foram variados, Vuearana direcionou seu olhar para aspectos estéticos que respondiam seu interesse em exercitar um olhar mais sensível para os pequenos detalhes, muitas vezes abstratos, da cidade, como por exemplo: a sobra de concreto que respingou na calçada cuja forma se assemelha à um mapa, ou até mesmo uma árvore sem suas folhagens da copa, mas que os arbustos na parte inferior davam a impressão de que a árvore estava de cabeça para baixo. Tais fotografias encontram-se repletas de sentido e significados relacionados à percepção espacial da jovem, revelam um olhar sensível para aspectos muitas vezes invisíveis, mas que tange seu encontro com tais elementos.

Seu olhar para o território foi diferente dos demais jovens, transgrediu algumas orientações fornecidas no início da pesquisa, o que não influenciou na qualidade de suas percepções sobre os espaços. Vuearana nos mostra uma diversidade de fotografias, evidenciando as múltiplas formas que a juventude tem para perceber e habitar o espaço em que moram.

A circulação de Vuearana englobou: Escola, lugar onde pode conhecer sua paixão pessoal – o teatro; A academia, onde praticava kung fu e que por ventura deixou de praticar graças à falta de dinheiro; Praças, Campo de futebol, SENAC - onde realizava um curso de fotografia, fator que evidencia o interesse prévio pela atividade, talvez a fotografia tenha outro sentido para a jovem, já que a mesma exercitou algumas técnicas no curso.

A presença da praça também entrou na narrativa de Vuearana, lugar onde o verde deveria ser mais valorizado. Percebe que árvores foram cortadas e o mato em volta encontrava-se alto (FIGURA 14), aponta estes aspectos como negativos. Seu interesse por árvores (elemento recorrente em sua narrativa visual) a acompanha desde criança, o que justifica sua chateação ao perceber que foram cortadas.



Figura 9

“Ta vendo esse negocio aqui, era pra ser uma arvore. Era o resto de uma arvore, daí e só nesse... nessa pracinha tem uns três assim. Aí eu registrei como uma coisa meio triste, que eu não gostei muito, pelo fato de não haver uma árvore por ali, tinha, mas não tem mais... Ai eu não gostei muito

É interessante perceber como as fotografias apreendem a conexão entre o mundo interno, sentimentos e memórias com o mundo externo do fotógrafo. Nesta fotografia pôde-se perceber o incômodo ao ver as árvores cortadas, ao mesmo tempo em que a jovem relembra aspectos de sua infância e se gostou por árvores.

Vuearana fotografa o acúmulo inadequado de entulho próximo ao campo de futebol (FIGURA 15) o mesmo comentado por Fernão Mendes Pinto. O incomodo da jovem surge quando compara o campo reformado pela comunidade, espaço para lazer e esporte, lugar de encontro e trocas sociais, com os restos de materiais de construção (vasos, tijolos quebrados, cadeiras quebradas etc.), espaços antagonicos compartilhando o mesmo ambiente.



Figura 10

“Me incomoda bastante isso. Porque logo no campo, aqui tem um campo que eles reformaram, fizeram um monte de coisas legais, e do ladinho ainda tem umas, umas mesas sabe? Que tem um joguinho de xadrez pras pessoas jogar, é bem aconchegante ali, mas ai tem isso aqui que as pessoas ficam jogando, não sei pq fazer isso. É muita coisa, tem um vaso aqui, tem um vaso aqui. É muito... ai sempre me incomoda, demorei pra tirar ela, fiquei em duvida, não sabia se tirava ou não, teve um dia que eu parei e falei: “preciso” ai eu tirei, acho que é uma das coisas que mais me incomoda. Foi bem me difícil de achar alguma coisa que me incomodasse aqui... mas aqui, chama muito a atenção(...)

Vuearana encontra-se no final do 3º ano e revela sensações de medo com as decisões futuras. Revela certa pressão familiar à cerca da escolha de seu próprio futuro. Vuearana mostra-se bastante indecisa sobre qual curso escolher, tem interesse em cursar psicologia, mas também gostaria de cursar comunicação visual, design gráfico, fotografia ou algum curso relacionado à produção de imagens.

Vuearana vê detalhes. Consegue enxergar na forma concreta, nos objetos, outras possibilidades, ela imagina a partir do que vê. Manoel de Barros fala sobre a importância de ‘transver’ o mundo: “o olho vê, a lembrança revê e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo.”. Essa jovem ‘transvê’ por que imagina outras coisas naquilo que enxerga. Ao fotografar cria outras texturas, revela detalhes insuspeitos, fazendo um jogo lúdico com o espaço e com o ato de fotografar. Isso aponta outro traço da juventude, que é a criatividade, a imaginação potente, a capacidade de transgredir formas explícitas modificando seu sentido e significado. Vuearana nos ensina a enxergar além da concretude do que estamos vendo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fotografia possibilitou um olhar mais consciente e intencional, ampliou a percepção de elementos do cotidiano dos jovens que, durante a circulação pelo território e com o empreendimento do ato fotográfico, puderam ser evocados, foram alvo de reflexões e problematizações.

A fotografia mostrou-se um importante recurso metodológico, tanto no que se refere à potência em revelar aspectos íntimos e pessoais como opiniões, ideologias, sentimentos, memórias, etc. quanto como instrumento que enriqueceu a análise de dados, em especial quando utilizada com adolescentes mais tímidos, como pode ser observado durante as entrevistas de Abaita e Fernão Mendes Pinto que, por menor que tenha sido a quantidade de fotografias registradas, estas se mostraram suficientes para criar campos de análise, onde algumas percepções puderam ser aprofundadas.

As câmeras fotográficas foram mediadoras da exploração do olhar juvenil sobre seu próprio território, um instrumento versátil e instigante que os motivou a investigar aspectos da favela em que moram. Foi notório seu impacto enquanto recurso metodológico nesta pesquisa qualitativa, com capacidade de revelar aspectos subjetivos, culturais, interpessoais, relacionais, territoriais, sociais, dentre outros.

São diversas as possibilidades de arranjos metodológicos que utilizam a fotografia enquanto recurso. Elas enriquecem as pesquisas com o público jovem, pois se configura enquanto modalidade linguística que permite a criação de projetos de dizer, onde os jovens produzem uma narrativa visual a partir dos discursos encontrados nas vielas, paredes, ruas e calçadas da favela. É um recurso que dialoga diretamente com a produção de cartografias que representassem suas ideias, opiniões e manifestos, podendo ser utilizada em diferentes contextos, seja em pesquisas de cunho social, antropológico, até mesmo nas áreas da saúde e educação.

A fotografia se mostrou enquanto elemento que evidencia mudanças tanto nos sujeitos quanto nos territórios e viabiliza experiências diversas enriquecendo as possibilidades de troca no universo juvenil.

As análises das fotografias e entrevistas deram algumas pistas sobre como os jovens endereçam suas percepções sobre seu próprio território. Foi assim que o campo de futebol, as praças, os espaços verdes, a igreja, lixos e entulhos jogados pelas calçadas, a nascente poluída, as pixações, a escadaria poética, o céu e a favela foram alvos das fotografias dos jovens. Deste modo. Revelaram dimensões de lazer, convívio e esporte, os jovens evidenciaram aspectos

que carecem de atenção pública e identificam o valor e importância da ação comunitária nos espaços comuns.

As situações de risco e de vulnerabilidade podem ser analisadas ao conhecer melhor os objetos e lugares que alicerçam a experiência que os adolescentes têm com seu próprio território a fim de favorecer a construção de ações estratégicas que fortaleçam as relações já estabelecidas e que amenizem as situações de risco e vulnerabilidades que foram identificadas. Uma vez mapeadas, tais percepções oferecem recursos para possíveis intervenções dos serviços públicos de saúde, educação, cultura e assistência social.

O presente estudo evidenciou ainda como o olhar sensível dos adolescentes foi capaz de mapear diferentes aspectos do território em que habitam. As políticas públicas voltadas para a juventude da periferia precisam dialogar com o cotidiano desses jovens e, por meio de iniciativas criativas e inovadoras, explorar a potência do espaço habitado na favela, reconhecer a potência de vida que também circula sem desconsiderar ou subestimar a influência dos fatores de risco social, vulnerabilidade, pobreza e violência presentes nas vidas da população que reside na periferia, mas reforço: é na potência que as possibilidades de transformação residem.

O processo de pesquisa inaugura o interesse em investigar como as ações comunitárias de manutenção e revitalização dos espaços acontecem, qual seu significado para o grupo de pessoas que os realiza e qual o impacto para a comunidade como um todo.

Sem mais, o Protagonismo Juvenil foi ferramenta chave para a compreensão das singularidades do território, foi por meio dele que as vozes dos olhares dos jovens puderam ecoar nas fotografias de cada um.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D. B. L. de (Org.). Perspectivas em análise visual: do fotojornalismo ao blog. João Pessoa: Ed. UFPB, 2008

ANDRADE, C. C. de A.. Letramento Visual: Trabalhando a fotografia documental no ambiente escolar – Dissertação (mestrado profissional em letras), Universidade Federal de Sergipe, Itabaina – SE, 2015

AYRES, J.R.C.M., FRANÇA J.I., CALANZAS, G. J. e FILHO, S. H. C. o conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios. In: Czeresnia, D. Freitas, C.M. (rgs) Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2003, p.117-139.

BAKHTIN, M.. M. Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara F. Vieira. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____, M.. M. Estética da criação verbal. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011

BAURET, G. A fotografia: histórias – estilos – tendências – aplicações. Edições 70, LTDA. Fevereiro, 2015.

BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7ªed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRASIL Conselho Nacional de Saúde. Resolução 196 de 10 de outubro de 1996. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília, 1997.

_____, Estatuto da criança e do Adolescente: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. 13º ed. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2015.

_____. Lei nº13.257, de 8 de março de 2016. Dispõe sobre as políticas públicas para a primeira infância Brasília,DF, mar 2016.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde na escola / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília : Ministério da Saúde, 2009. 96 p

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção em Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde. Brasília : Ministério da Saúde, 2010. 132 p.

Caderno do Centro de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

CÂMARA, M. Urubu rei: uma imagem fotojornalística e suas multimodalidades. In:

CARRIL, L. Quilombo, favela e periferia: a longa busca da cidadania. Ed. Anablume; Fapesp, São Paulo, 2006, p.257

COELHO, G. Monstros, Rojões, Bambus, Bolas e o Fundão: Encantarias em performances de uma juventude rueira. Ver. Bras. Estud. Presença, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 197-218, abr/jun 2018

CEARÁ, A. de T.; DALGALARRONDO, P. Jovens pichadores: perfil psicossocial, identidade e motivação. Psicologia USP, São Paulo, v.19, n.3 Julho/setembro, p. 277-293, 2008.

DAYRELL, J. O rap e o funk na socialização da juventude. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.28, n.1, p.117 – 136, jan/jun.2002

DELEUZE, G., GUATTARI, F. Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Suely Rolnik, vol. 4 São Paulo: Ed. 54, 1997, 176 p.

DUBOIS, P. O ato fotográfico e outros ensaios. 14ªed – Campinas – SP: papyrus, 2012. p.362

FLUSSER, V. Filosofia da Caixa Preta: Ensaio para uma futura filosofia da fotografia. 1ªed., Editora Annablume, São Paulo, 2011, 101p.

DIAS, K.. Entre Visão e Invasão: Paisagem [por uma experiência da paisagem no cotidiano] 1ª edição, Universidade de Brasília – UnB, Brasília – DF. 2010.

KEHL, L. Breve Histórico das Favelas. São Paulo: Editora Claridade, 2010

LEFEBVRE, H. O direito à Cidade. São Paulo: Ed. Centauro, 5ªed. 2008

MARIANO, R. Crescimento Pentecostal no Brasil: fatores internos. Revista de Estudos da Religião. 2008. Disponível em: < https://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_mariano.pdf>

MESQUITA, W. A. B., BERTOLI, N. de F.. Jovens Evangélicos Moradores de Favelas: Algumas expressões de sua sociabilidade na cidade de Campos dos Goytacazes – RJ [SYN]THESIS, Rio de Janeiro, vol.7,nº1,2014, p.63 – 74.

MINAYO, C.S. Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade. 21ª ed. Petrópolis – Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2002.

NORONHA, N. S. Contradições na organização do espaço habitacional de uma favela paulistana Revista de administração pública, Rio de Janeiro, v.52, n.6, , p.1056-1072, nov. – dez., 2018

Organização Mundial de Saúde, 2017 disponível em: http://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5417:mais-de-12-milhao-de-adolescentes-morrem-por-causas-evitaveis-a-cada-ano&Itemid=820, acessado em: 01/09/2017

OZELLA, S. Adolescência: um estereótipo ou uma construção histórico-social? In SILVA, E; NOTO, A.R.; SANCHEZ, Z.V.D.M; MOURA, Y. G.M. Uso de drogas entre adolescentes brasileiros: padrões de uso e fatores associados. In: SILVA, E.A; DE MICHELI, D.

Adolescência uso e abuso de drogas: uma visão integrativa. São Paulo: Editora FAPI - Unifesp, 2011.

PASTERNAK, S; OTTAVIANO, C. Favelas no Brasil e em São Paulo: Avanços nas análises a partir da Leitura Territorial do Censo de 2010. Cad. Metrop., São Paulo, v.18, n.35, p. 75-99, abr 2016.

PEREIRA, A B. As marcas da cidade: A dinâmica da pixação. Lua Nova, São Paulo v.79, p.143-162, 2010

SANTOS, M.. Metamorfoses do Espaço Habitado. 6ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SILVA, L. N.; KOLLER, S. H. O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia. *Estudos de Psicologia*, v. 7, no 2. 2002.

SOBRAL, A. Gêneros discursivos, posição enunciativa e dilemas da transposição didática: novas reflexões. Letras de hoje, Porto Alegre, v. 46, n.1, p.37-45, 2001

SOUZA, Marcelo Lopes. Proteção Ambiental pra quem? A instrumentalização da ecologia contra o direito à moradia Mercator, fortaleza, v.14, n.4, número especial, p.25-44, dez. 2015

TAVARES, S. M. G.; ALBERTINI, P.. Moradia e corporeidade em espaços liminares: um estudo sobre formas de subjetividade na favela Paidéia, v.15,n.31, p. 299-308, 2005.

VALLADARES, L. do P. A invenção da favela: do mito de origem a favela.com. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005

VÁZQUEZ, A.S. Filosofia da práxis. 2ª ed., Expressão Popular, São Paulo, 2011, 444p.

VIEIRA, M. A. C.; BEZERRA, E. M. R.; ROSA, C. M. M. *População de rua: quem é, como vive, como é vista*. 3a ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

ZALUAR, A; ALVITO, M. Um Século de Favela. 5ª ed; Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006

ANEXO I

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

O menor de idade pelo qual o(a) senhor(a) é responsável está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “**A voz dos olhares que percorrem a periferia: o território sob as lentes do adolescente**”.

Os objetivos deste estudo consistem em: Investigar as percepções dos adolescentes de um bairro de Ermelino Matarazzo sobre as potencialidades e fragilidades do território em que vivem.

O(a) senhor(a) assim como seu(sua) filho(a) receberão todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que seu nome não aparecerá sendo mantido o mais rigoroso sigilo através da omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo(a).

A participação de seu(sua) filho(a) será por meio da realização de fotografias, onde será fornecido gratuitamente uma câmera fotográfica descartável ao participante para que possa registrar algumas fotografias do bairro onde mora. Para fins da pesquisa, uma entrevista (conversa) também será realizada com o participante após a revelação das fotografias, esta será gravada e transcrita, tendo tempo estimado para sua realização: 50 minutos. Não existe obrigatoriamente, um tempo pré-determinado, será respeitado o tempo de cada um para respondê-lo. Informamos que ao participante será assegurado o direito de recusar responder qualquer questão que lhe traga constrangimento.

A participação dele(a) não é obrigatória e, a qualquer momento, poderá desistir da participação. Tal recusa não trará prejuízos em sua relação com o pesquisador ou com a instituição em que ele estuda. Tudo foi planejado para minimizar os riscos da participação dele(a), porém caso ele(a) se sinta preocupado(a), constrangido(a), ou apresente alguma dificuldade durante o processo, o(a) mesmo(a) poderá interromper sua participação e, se houver interesse, conversar com o pesquisador sobre o assunto.

O(A) senhor(a) e o menor de idade pelo qual é responsável não receberão remuneração pela participação. A participação dele(a) poderá contribuir para ampliar a percepção do bairro em que moram. Além disso, o(a) senhor(a) está recebendo uma cópia deste termo onde consta o telefone do pesquisador principal, podendo tirar dúvidas agora ou a qualquer momento.

Os resultados da pesquisa serão divulgados na Instituição Universidade Federal de São Paulo podendo ser publicados posteriormente. Os dados e materiais utilizados na pesquisa ficarão sobre a guarda do pesquisador.

O pesquisador, João Gabriel Trajano Dantas (telefone whatsapp (15) 981601324, email gabriel_joao09@hotmail.com) informa que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa na instituição Universidade Federal de São Paulo telefone: (15) 981601324, ou do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Paulo, sito à Rua Prof. Francisco de Castro, n: 55, - 04020-050; e-mail: CEP@unifesp.edu.br; telefones: 011-5571-1062 e 011-5539-7162, pode-se entrar em contato com esse Comitê o qual tem como objetivo assegurar a ética na realização das pesquisas com seres humanos.

Sendo Assim, eu, _____
declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da participação do menor de idade pelo qual sou responsável, _____ e concordo que o(a) mesmo(a), caso aceite, participe da pesquisa.

Assinatura Responsável

Assinatura Pesquisador Responsável
João Gabriel Trajano Dantas

São Paulo, de de 2018/2

ANEXO II

TERMO DE ASSENTIMENTO.

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **A voz dos olhares que percorrem a periferia: o território sob as lentes do adolescente**. Seus pais permitiram que você participe.

Queremos conhecer o bairro onde você mora, tanto as coisas boas quanto as ruins.

Os adolescentes que irão participar desta pesquisa têm de 15 a 17 anos de idade.

Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir.

A pesquisa será feita no bairro onde você mora, durante o seu dia a dia. Para isso, será usada uma câmera fotográfica descartável, sem custo financeiro, a qual você utilizará para fazer fotografias sobre que mais gosta em seu bairro e sobre o que não gosta também. O uso da Câmera é considerado seguro, mas caso aconteça algo de errado, caso surja algum desconforto ou fique preocupado com alguma situação que possa ocorrer, você pode entrar em contato comigo ou interromper sua participação na pesquisa, sem problema algum e sem nenhuma penalidade, meu telefone é 15-981601324 (whatsapp), João Gabriel Trajano Dantas.

Depois que você tirar fotografias do bairro eu retornarei para buscar a câmera e revelar as fotos, com as fotos em mãos, ligarei mais uma vez para poder marcar contigo um horário para voltar e conversar sobre as fotos que tirou, sobre as dificuldades e facilidades, sobre o que achou disso tudo. Neste encontro você dará um título para cada fotografia. Toda essa conversa será gravada por meio de um gravador para que eu possa usar na pesquisa. Seu nome não aparecerá na pesquisa, ninguém conseguirá saber que foi você que conversou comigo.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar os adolescentes que participaram.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar. Eu escrevi os telefones na parte de cima deste texto.

Sendo assim, eu _____ aceito participar da pesquisa **A voz dos olhares que percorrem a periferia: o território sob as lentes do adolescente.**

Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer.

Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar furioso.

2/2

Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

Assinatura do menor

João Gabriel Trajano Dantas
Assinatura do(a) pesquisador(a)

São Paulo, ____ de _____ de _____.

ANEXO III

ORIENTAÇÕES SOBRE O USO DA CÂMERA E CUIDADOS COM O REGISTRO DAS FOTOGRAFIAS:

Olá, primeiramente gostaria de agradecer por aceitar participar desta pesquisa, tenho certeza que você vai tirar fotografias incríveis, faremos um ótimo trabalho juntos. Muito Obrigado!

Este folheto contém algumas informações e orientações que deverão ser seguidas por você na hora em que estiver tirando suas fotografias. A máquina fotográfica descartável não oferece riscos pessoais, porém alguns cuidados devem ser seguidos para evitar situações desconfortáveis para você.

1. Sempre ande com sua câmera guardada em uma mochila ou uma bolsa de fácil acesso, de forma que quando alguma coisa chamar sua atenção consiga pegá-la rapidamente e realizar a fotografia daquele momento. Mas é importante andar com ela guardada, para evitar chamar atenção.
2. Evite fotografar pessoas que você não conheça, pode ficar chato caso alguém perceba que você está tirando fotos sem a autorização e realmente não é bacana. Caso surja uma situação que chame sua atenção, peça autorização para fotografar a cena.
3. Não saia para fotografar à noite.
4. Utilize os espaços que você já frequenta, não saia para fotografar lugares ou regiões que você não conheça.
5. Se perceber que a situação não está legal, nem fotografe, se retire do lugar.
6. Fique atento ao espaço no momento da fotografia, cuidado deve ser redobrado em ambientes próximos à ruas movimentadas. Segurança em primeiro lugar.
7. **A máquina tem capacidade para tirar até 24 fotografias.**
8. **Você pode fotografar situações ou imagens de locais que você não se sente bem, que você acha que merecia um cuidado maior da prefeitura.**
9. **Locais que você se sente bem, que acha bonito, que são bem cuidados.**
10. Aspectos positivos e negativos. Sonhos e medos, perspectivas, o que te deixa bem, prazeres e medos.

Seguindo as orientações tenho certeza que você vai registrar momentos incríveis do seu dia a dia. E não Esqueça, a qualquer momento você pode me mandar um whats: 15 981601324.

Muito Obrigado por sua participação.

ANEXO IV

A entrevista foi pensada com algumas questões disparadoras, tendo em vista que o discurso oral era conduzido pelo encontro com as fotografias. As questões aqui apresentadas tiveram o intuito potencializar os discursos sobre as fotos.

Entrevista semiestruturada:

A entrevista teve base nos questionamentos abaixo, porém foi nutrida pelas narrativas das fotografias registradas.

- 1. Como foi usar a câmera fotográfica?**
- 2. O que o seu bairro tem que te desagrada?**
- 3. Se você pudesse multiplicar algo que gosta muito no bairro onde mora, o que seria?**
- 4. O que você gostaria para o seu futuro? O que você planeja para o seu futuro?**